

# Geografia

9º ano  
Volume 4

Livro  
didático

10

Sociedades e regiões  
na Ásia 2

11

A Europa no século XXI 22

12

Identidade e modernidade  
na Oceania 43

©Shutterstock/Sarayuth3390

Livro do professor

# 10

## Sociedades e regiões na Ásia



• Festa popular na ilha de Phuket, Tailândia, 2016

1 Sugestão de respostas.

Os povos asiáticos, que representam quase 60% da população mundial, são compostos de inúmeras etnias e se distribuem em dezenas de países, com grande variedade de idiomas. Locais como Hong Kong, metrópole chinesa, Cingapura, cidade-Estado no sudeste do continente, Bangcoc ou Phuket (imagem acima), na Tailândia, são pontos de encontro de diversas culturas. Atraídos pela beleza cênica, por negócios, comércio e emprego, milhares de pessoas da Ásia e outros continentes se misturam em suas festivas ruas centrais.

Consulte a localização dessas cidades em mapas políticos do continente asiático para responder às seguintes questões:

1. O que é semelhante na localização geográfica das quatro cidades mencionadas?
2. De que maneira essa localização espacial contribui para o encontro de pessoas das mais diversas origens?
3. Há uma década, a cidade tailandesa de Phuket foi devastada em uma grande tragédia. No entanto, o espaço urbano, bem como o otimismo da população, vem se reerguendo. Qual foi o desastre que, entre outros locais, atingiu Phuket no início deste século?



## Objetivos

- Analisar os contrastes socioeconômicos presentes em diferentes regiões da Ásia e relacioná-los com o contexto global.
- Reconhecer a diversidade étnica, cultural e linguística do continente asiático e associá-la a espaços geográficos próprios.

O continente asiático, o maior de todos, é também o mais populoso. Dessa forma, é natural que apresente grande variedade interna, seja do ponto de vista socioeconômico e político, seja do ponto de vista cultural. O presente capítulo privilegiará esses dois aspectos importantes na compreensão do continente: a primeira parte dedica-se aos diferentes contextos regionais onde se encontram as sociedades e as economias da Ásia; a segunda parte concentra-se nas identidades culturais que povoam e diversificam a população do continente.

## Contextos socioeconômicos e políticos na Ásia

No continente asiático, são notórios os contrastes de paisagens, tanto culturais quanto naturais. Arranha-céus de arquiteturas futuristas despontam em meio às vias movimentadas de automóveis e pessoas em plenos desertos e estepes no Catar, Mongólia ou Uzbequistão. Bancos e bolsas de valores de grandes cidades, como Xangai e Hong Kong, na China, Cingapura, cidade-Estado no sudeste do continente, e Tóquio, capital do Japão, movimentam grandes montantes de capital financeiro diariamente.

Paraísos tropicais visitados por turistas das mais diversas partes do mundo apresentam boa infraestrutura para recebê-los aos milhares: confortáveis hotéis e pousadas, vários logradouros públicos, áreas comerciais e, principalmente, grande variedade de praias de águas cristalinas e areias brancas. Não muito distantes dos principais centros para onde convergem os turistas, porém, os espaços geográficos são muitas vezes bem distintos em relação aos serviços públicos e à infraestrutura. A combinação de pujança econômica e contrastes sociais se projeta nas diferentes regiões da Ásia. Conforme veremos adiante, áreas carentes de mais e melhores serviços públicos e outras bem servidas e planejadas coexistem nas distintas regiões do continente.



• Praia na ilha de Koh Phi Phi, Tailândia, 2018



• Moderna arquitetura na Praça da Independência, em Tashkent, Uzbequistão, 2015



• Habitações precárias às margens do rio, em Chennai, Índia, 2018

## Regiões da Ásia

O extenso continente asiático, com sua multiplicidade de paisagens, culturas e situações socioeconômicas, pode ser dividido em grandes regiões. De acordo com a regionalização realizada pela ONU, a mais usual, temos as seguintes regiões no continente asiático: Oeste da Ásia, Ásia Central, Ásia Setentrional, Ásia Oriental, Ásia Meridional e Sudeste Asiático.

## Ásia: regiões



Fonte: ONU. *Methodology*: standard country or area codes for statistical use. Disponível em: <<https://unstats.un.org/unsd/methodology/m49/>>. Acesso em: 6 fev. 2019. Adaptação.

# Cartografar

Em relação ao mapa acima, leia o texto e responda às questões a seguir.

O turismo vem se firmando como uma das mais rentáveis atividades econômicas nas diversas regiões do mundo. No continente asiático, os oito países que mais receberam visitantes de outras partes do mundo e da própria Ásia, de acordo com a Organização Mundial do Turismo (das Nações Unidas) em 2017, foram:

- |                               |                                   |
|-------------------------------|-----------------------------------|
| 1º) China (60,7 milhões);     | 5º) Malásia (26,0 milhões);       |
| 2º) Turquia (37,6 milhões);   | 6º) Índia (15,5 milhões);         |
| 3º) Tailândia (35,4 milhões); | 7º) Cingapura (13,9 milhões);     |
| 4º) Japão (28,7 milhões);     | 8º) Coreia do Sul (13,3 milhões). |

- a) Organize os países de acordo com a região da Ásia em que se situam.

(1), (4) e (8) na Ásia Oriental; (2) no Oeste da Ásia; (3), (5) e (7) no Sudeste Asiático; (6) na Ásia Meridional.

- b)** Quais regiões do continente concentram a maior parte dos visitantes?

## A Ásia Oriental e o Sudeste Asiático.



## Ásia Setentrional

Trata-se da região norte do continente asiático e corresponde a uma parte considerável do território russo. O domínio natural da região é a taiga, florestas frias de coníferas que passam boa parte do ano sob a neve.

Abrange paisagens peculiares e pouco povoadas, como as estepes da região fronteira com a China e a Mongólia, o entorno do Lago Baikal e o inóspito litoral ártico. Nesta última área, localizada no extremo norte do continente asiático, os verões são caracterizados por períodos cada vez mais extensos de claridade, durando vários dias seguidos; o oposto ocorre nos invernos, quando as noites se tornam cada vez mais longas, até tomarem o período de vários dias.

© Shutterstock/Evgeny Ermeev



• Cidade siberiana de Sheregesh, Rússia, 2018

## Ásia Central

A região central da Ásia é domínio natural de estepes e pradarias com vegetação rasteira. Abrange as ex-repúblicas soviéticas do Cazaquistão, Uzbequistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Turcomenistão.

A expansão da fé islâmica e da cultura árabe alcançou a região e se estabeleceu entre os séculos VII e VIII. Ainda hoje, predomina nessa região o islamismo, sendo o cristianismo ortodoxo, por influência russa, a minoria religiosa mais comum.

© Shutterstock/Cholpan



• Antiga mesquita de Bibi-Khanym, em Samarcanda, Uzbequistão, 2018



2 Contextualização, conexão de conteúdos.

• Modernos arranjos espaciais urbanos em uma cidade milenar: Tashkent, Uzbequistão, 2018



© Shutterstock/Lukas Bischoff Photograph

Nesta região pouco povoada, com menos de 10 habitantes por km<sup>2</sup>, o cultivo de algodão, baseado na irrigação, e a criação de gado (ovinos e caprinos) são bastante comuns. Os países da Ásia Central têm na agropecuária, ao lado da extração de gás natural e petróleo, a base de suas economias.

Tashkent, capital do Uzbequistão, é a mais populosa cidade da Ásia Central e conta com mais de 2 milhões de habitantes. Fundada há cerca de 2 500 anos, situa-se em meio a antigas rotas comerciais entre o Extremo Oriente e as terras costeiras ao Mar Mediterrâneo.


## Oeste da Ásia

O Oriente Médio estende-se desde a Península Arábica, às margens do Mar Vermelho, até a Cordilheira do Cáucaso, que marca a separação geográfica dos continentes, e desde a Península de Anatólia, na Turquia, ao Irã. O Oeste Asiático, portanto, corresponde em grande parte à região do Oriente Médio, com exceção do Irã, que faz parte da Ásia meridional. Apesar do clima predominantemente árido e de extensas áreas desérticas, o Oriente Médio abrange territórios de muitos povos, seja em tempos antigos, seja em tempos atuais. Não por acaso, é berço de muitas religiões, em especial as três maiores religiões **mono-teístas** do mundo: o cristianismo, o judaísmo e o islamismo. A coexistência de muitas culturas e lugares sagrados é motivo de controvérsias ao longo da história, algumas das quais presentes ainda hoje, principalmente em Israel, conforme veremos mais adiante.

Além da confluência histórica e cultural, que faz do Oeste Asiático uma região de muitas rivalidades, a farta presença de recursos energéticos no subsolo, em especial petróleo e gás natural, contribui para gerar mais disputas e até mesmo conflitos armados ou diplomáticos. Com uma distribuição populacional muito irregular, a região é, de modo geral, pouco povoada, por conta de seus extensos desertos. Contudo, no litoral e no planalto da Península de Anatólia, na Turquia, no vale de rios como o Tigre e o Eufrates, na Síria, no Iraque e em grande parte do Irã há grandes adensamentos demográficos.

O Oeste da Ásia tem a maior parte de sua população habitando as cidades, muitas das quais estão entre as mais antigas aglomerações urbanas do mundo. Istambul, na Turquia, é a maior de todas, uma megacidade que em 2015 contava com mais de 13 milhões de habitantes. Bagdá, capital do Iraque, com mais de 6 milhões de habitantes, e Riad, capital da Arábia Saudita, com mais de 5 milhões de habitantes, também são grandes cidades do Oriente Médio.

Os contrastes ainda se revelam na desigual expectativa de vida nos países da Ásia Ocidental: enquanto a população israelense vive em média 82,3 anos, o que lhe garante o 14º lugar no mundo nesse quesito demográfico, no Iêmen a expectativa de vida é de apenas 65,3 anos, dado que posiciona o país em 142º lugar no *ranking* de longevidade.

 **monoteístas:** adeptos do monoteísmo, ou crença religiosa em apenas uma divindade, em oposição ao politeísmo, que crê na existência de várias divindades.



• Muçulmanos na Mesquita do Profeta (Al-Masjid an-Nabawi), em Medina, Arábia Saudita, 2018

©Shutterstock/Tea Oor

©Shutterstock/Darkdiamond67

• Istambul, Turquia, 2018





## Ásia Meridional

A região da Ásia Meridional, uma das mais populosas e multiétnicas do mundo, compreende o Irã, o Afeganistão e o subcontinente indiano. Este último abrange as ex-colônias britânicas: Índia, Paquistão, Bangladesh e Sri Lanka, situada na ilha de Ceilão. Conforme vimos no capítulo 4, nesses países há forte atuação sazonal das massas de ar, carregadas de umidade no verão e secas no inverno, ocasionando o fenômeno das chuvas de monções. Por essa razão, também pode ser denominada Ásia Monçônica.

Além de muito populosa, a Ásia Meridional é uma das regiões mais densamente povoadas do globo. Embora a maioria da população ainda se localize nas áreas rurais, em especial por causa da tradicional **rizicultura**, a aceleração da urbanização no subcontinente é expressiva. A concentração populacional em grandes metrópoles também se destaca nessa região. Entre as mais populosas cidades da Ásia Meridional estão Karachi, no Paquistão, e as indianas Mumbai, a capital Nova Délhi, Calcutá e Bangalore, principal tecnopolis deste país.

Essa região do continente asiático apresenta quadro econômico bastante diversificado e complexo. Bolsões de miséria e a fome ainda persistem em vastas regiões desse subcontinente; contudo, há polos urbanos altamente modernos com alto crescimento industrial e forte expansão da indústria de *softwares* e outros elementos da tecnologia informacional. A Índia, principal potência regional, por exemplo, desponta nas tendências de crescimento econômico e populacional que projetam o país, em futuro próximo, como a maior população do globo, bem como uma das maiores economias nacionais, como já ocorre com a China.



©Shutterstock/Sohel Parvez Haque

• Trabalho de secagem de pimenta em Bogra, Bangladesh, 2017

## Sudeste da Ásia

Compreende os países da Península da Indochina (Mianmar, Tailândia, Laos, Vietnã, Camboja, Malásia e Cingapura) e os países insulares (Filipinas, Brunei, Indonésia e Timor Leste), localizados entre os oceanos Índico e Pacífico. Trata-se de uma região densamente povoada, onde antes predominavam florestas tropicais, na atualidade com áreas bastante reduzidas por causa do avanço de atividades agrícolas e do crescimento urbano.

●● **rizicultura**: cultivo do arroz.

- Pessoas da minoria étnica Ifugao em região montanhosa onde se pratica agricultura de jardinagem, baseada no terraceamento, em Banaue, Filipinas, 2018



©Shutterstock/Kobby Dagan



Ainda que a população rural siga majoritária na maior parte dos países da região, a população urbana cresce rapidamente. Entre as cidades mais populosas da região estão Jacarta, a capital da Indonésia, com cerca de 30,5 milhões de habitantes em seu entorno, o que a torna a segunda mais populosa do globo, Manila, nas Filipinas, a 4ª aglomeração urbana mais populosa, com 24,1 milhões de habitantes, e Bangcoc, na Tailândia, com 15 milhões de habitantes, o que a leva à 19ª posição entre as mais populosas do globo.

A partir da década de 1970, principalmente, países da região, como Tailândia, Malásia e Cingapura (além de Taiwan, na Ásia Oriental), tiveram rápido crescimento econômico, em especial no setor industrial, motivo pelo qual passaram a ser conhecidos como “tigres asiáticos”. Com relação à expectativa de vida, Cingapura tem a 4ª mais alta do mundo, com cerca de 83 anos. O Laos, em compensação, situa-se na 140ª colocação nesse item, uma vez que seus habitantes, em média, vivem cerca de 65,8 anos.



## Ásia Oriental

Também denominada Leste Asiático, essa região abrange Mongólia, China, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Japão e a ilha de Formosa, onde se situa Taiwan – que luta pelo reconhecimento internacional de sua independência em relação à China continental. O Extremo Oriente asiático apresenta uma das mais altas densidades demográficas do globo, algumas das mais antigas civilizações (japoneses, mongóis, chineses e coreanos) e milhares de etnias menores que se espalham pelos países. Há, no entanto, uma irregular distribuição populacional, uma vez que a população é bem mais concentrada nas planícies, nos vales dos rios e na região costeira. O oeste da China, no Planalto do Tibete, o Deserto de Takla Makan e a região de Sinkiang, além da Mongólia, compreendem territórios bem menos povoados.

Na Mongólia, metade da população do país, ou quase 1,5 milhão de habitantes, localiza-se na capital, Ulan Bator. Ao mesmo tempo, nas estepes, pastores mongóis e suas famílias seguem o estilo de vida seminômade, preservando as tradições de seus ancestrais.

Das 100 mais populosas aglomerações urbanas do mundo em 2015, 23 se localizavam na China. Na Ásia Oriental se situa o mais populoso complexo urbano do mundo, a megalópole conhecida como Tokaido, que une Tóquio e Yokohama, na ilha de Honshu, no Japão. Mas, além da megalópole de Tóquio, há outras nove nessa região que se enquadram na categoria de megacidades, ultrapassando a marca de 10 milhões de habitantes.

©Shutterstock/larescheewin



• Vila com as tendas yurts, de pastores nômades, em Bayan-Ulgii, Mongólia, 2016

• Yokohama, Japão, 2018



©Shutterstock/Cendhika



## Desigualdades socioeconômicas da Ásia

Há regiões na Ásia em que as condições ambientais, climáticas ou de relevo dificultam o desenvolvimento econômico. Regiões desérticas ou, ao contrário, excessivamente alagadiças muitas vezes apresentam situação de pobreza estrutural, na qual se enquadram cenários de baixo desenvolvimento humano que se prolongam por muito tempo e cujas mudanças, em geral, não se vislumbram a curto prazo. Por outro lado, regiões afetadas por graves crises econômicas ou, em situação ainda mais extrema, por guerras têm como consequência o crescimento da pobreza conjuntural, que se caracteriza pelo caráter transitório, causado por algum evento específico (secas, guerras, terremotos). Esse tipo de pobreza tem abalado países relativamente prósperos na Ásia, como Síria e Iraque, que, antes das atuais fases de conflitos, figuravam entre os mais desenvolvidos da região.

Se a ajuda humanitária internacional já se faz necessária nas situações citadas, ela é ainda mais urgente quando se somam no mesmo local as duas formas de pobreza. É o que se constata, por exemplo, no Afeganistão e no Iêmen. No primeiro caso, as guerras provocadas pelas invasões da União Soviética, entre 1979 e 1989, e dos Estados Unidos, que se estende desde 2001 até o presente, além de conflitos internos, resultaram em muita destruição material e perda de vidas em curto intervalo de tempo.



Fonte: WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Disease maps of countries affected by food insecurity and famine*. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/famine/Yemen-Jun-Sept-2017.png?ua=1>>. Acesso em: 8 fev. 2019. Adaptação.

Quando se considera o número de pessoas afetadas pela fome, a situação do Iêmen é a mais deplorável das últimas décadas. Estima-se que 8,4 milhões de pessoas sofrem com a fome no país e que, de acordo com dados da organização de ajuda humanitária *Save the children*, 85 mil crianças com idade inferior a 5 anos morreram em consequência de desnutrição aguda entre 2015 e 2018, desde o início da guerra civil. Em quase todo o país, como é possível observar no mapa, a situação da fome é preocupante.

Cingapura, Japão e Coreia do Sul são países asiáticos notórios pelo desenvolvimento alcançado ao longo do século XX, visível nas sofisticadas infraestruturas urbanas e de transporte, fruto de forte elevação observada nos níveis de produtividade em suas economias. No século XXI, trajetórias similares têm sido observadas também no Vietnã e principalmente na China e perseguidas com êxito menor, mas ainda assim considerável, pela Índia.

Israel, localizado nas margens mediterrâneas do Oeste da Ásia e uma das sociedades mais desenvolvidas no continente, apresenta situação dúbia. Isso porque o país se encontra dividido entre israelenses, predominantemente judeus, e árabes palestinos, predominantemente muçulmanos. Conforme veremos melhor mais à frente, a confinação dos últimos em territórios segregados, atitude contrária à resolução acordada internacionalmente para a região após a Segunda Guerra Mundial, confere a eles condições socioeconômicas bem inferiores às da população judaica.

## Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

O Índice de Desenvolvimento Humano, ou IDH, é o indicador socioeconômico mais utilizado em estudos comparativos de países e regiões do mundo, ou mesmo de diferentes áreas de um mesmo país, bem como para elaboração de projetos que visam ao desenvolvimento regional. Os dados que resultam no valor, que varia entre 0 e 1, são pesquisados e calculados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. Três diferentes áreas são contempladas pelos critérios de apuração do IDH: saúde, medida pela esperança de vida da população; educação, medida pelos anos de estudos que a população realiza em média; economia ou renda, medida com base na Renda Nacional Bruta *per capita* do país ou da região analisados.

É necessário levar em conta que os valores resultantes do IDH apresentam uma média da realidade socioeconômica do país, ocultando índices dos estratos sociais superiores e inferiores da população. Ainda assim, ao tratar de componentes que permitem qualificar a saúde, a educação e a renda médias da população, os valores medidos possibilitam tanto comparar o desenvolvimento de uma sociedade quanto traçar metas por parte dos respectivos governos, almejando avanços.

Com a qualidade de vida intensamente prejudicada por guerras prolongadas e falta de investimentos, os mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano entre os países asiáticos correspondem a Afeganistão, Síria e Iêmen, todos países conflagrados em guerras civis e invadidos por forças estrangeiras. Por outro lado, em uma análise de cada critério adotado pelo PNUD para obtenção do índice, destacam-se positivamente:

- **saúde** – Hong Kong, na China, e Japão, que apresentam expectativas de vida da população estimadas respectivamente em 84,1 e 83,9 anos.
- **educação** – Coreia do Sul, com a perspectiva de 16,5 anos de escolaridade para os que estão iniciando a vida escolar e média atual de 12,1 anos de escolaridade, e Israel, com índices de 15,9 e 13,0 respectivamente.
- **renda** – Catar, com Renda Nacional Bruta *per capita* anual de 116.818 dólares, seguido de Cingapura, com 82.503 dólares para o mesmo índice.

Entre os países que apresentaram o maior avanço entre o *ranking* divulgado em 2014 e o de 2018, há o caso da China, que foi da 101ª posição, com índice de 0,699, para a 86ª colocação e índice de 0,752. A maior queda, por sua vez, por motivos já tratados, coube à Síria, que, em 2014, ocupava a 116ª posição (0,648) e, no último *ranking*, ocupou a 155ª posição, com 0,536.

**3** Explicações complementares.



● Visitantes realizam leitura em biblioteca em Seul, capital sul-coreana, 2017

©Shutterstock/Efired



## Coeficiente de Gini

O coeficiente de Gini é um índice criado em 1912 pelo matemático italiano Conrado Gini com o intuito de avaliar a diferença entre as maiores e as menores rendas obtidas pela população de determinado país. Diferentemente do que ocorre com os valores do IDH, quanto maior o valor alcançado, pior é o retrato do Estado nesse quesito, pois mais desigual é a distribuição de renda entre seus habitantes. No coeficiente de Gini, um valor zero representa a igualdade absoluta, como se todas as pessoas do país considerado obtivessem exatamente a mesma renda, enquanto 100 representa a desigualdade absoluta, ou seja, como se apenas uma pessoa concentrasse absolutamente toda a renda. São ambas situações hipotéticas, que servem apenas de parâmetros para avaliar a realidade.

Pelo fato de que apenas uma pequena extensão territorial do Egito está situada no continente asiático, seus dados não foram considerados, neste caso, para fins de estudo da regionalização asiática.

A média mundial do coeficiente ou índice de Gini, conforme estimativa de 2012, era 37,9.



\*Nem todos os países têm dados apurados e alguns os apresentam apenas para anos específicos.

Fonte: THE WORLD BANK. *Gini index (World Bank estimate)*. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI?end=2017&start=2017&view=bar>>. Acesso em: 11 fev. 2019. Adaptação.

Entre os países asiáticos em que se tem realizado tal pesquisa de dados, os que apresentam os melhores coeficientes de Gini são: Quirguistão = 26,8 (2016), Cazaquistão = 26,9 (2015); Timor Leste = 28,7 (2014) e Iraque = 29,5 (2012). Na outra ponta, os países com os piores coeficientes de Gini são: China = 42,2 (2012); Turquia = 41,9 (2016), Israel = 41,4 (2012) e Malásia = 41 (2015).

[4] Informação sobre o coeficiente de Gini do Brasil.

## Cartografar

Consulte o *ranking* do IDH dos países asiáticos, divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em 2018, presente na página 1 do seu **material de apoio**, e preencha o mapa político da Ásia e a tabela abaixo de acordo com estas instruções:

- Identifique os seis países asiáticos com IDH mais elevado e pinte seus territórios de verde.
- Identifique os seis países asiáticos com IDH mais baixo e pinte seus territórios de amarelo.

MAIS ALTOS IDH NA ÁSIA – 2018 (PNUD)			MAIS BAIXOS IDH NA ÁSIA – 2018 (PNUD)		
País	Posição mundial	Índice	País	Posição mundial	Índice
Hong Kong*	7º	0,933	Iêmen	178º	0,452
Cingapura	9º	0,932	Afeganistão	168º	0,498
Japão	19º	0,909	Síria	155º	0,536
Israel	22º	0,903	Paquistão	150º	0,562
Coreia do Sul	23º	0,903	Nepal	149º	0,574
Emirados Árabes Unidos	34º	0,863	Mianmar	148º	0,578

\*O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento calcula os índices de Hong Kong separados dos dados das demais regiões da China.

### Ásia: países com maiores e menores IDH



Fonte: IBGE. Atlas geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. Adaptação.



## ▲ Diversidade étnica no maior dos continentes

Uma das ideias que mais se associam à Ásia quando se faz referência a seu espaço geográfico é a coexistência de elementos tradicionais de antigos povos com outros de linhas modernas, arrojadas e dotadas de tecnologia de ponta.

Coreia do Sul, Japão e, mais recentemente, China apresentam vários exemplos dessas paisagens que mesclam elementos de tempos distintos, contrapondo tradição e modernidade no mesmo cenário. Essas sociedades, ao mesmo tempo que se mostram orgulhosas do passado, preocupam-se com as tendências do presente, como novas tecnologias e modas culturais.

Por mais de mil anos, antes de Tóquio se tornar a capital japonesa, a cidade imperial de Kyoto é que detinha essa condição. Centenas de templos, castelos, jardins zen, bairros antigos com casas de madeira com dois ou mais andares se conservam próximos ao conjunto de infraestruturas de uma moderna e agitada metrópole.

• Templo Kiyomizu-dera, em Kyoto, Japão, 2018



©Shutterstock/Photobylor

Seul, há poucos anos, tornou-se mais uma das megacidades asiáticas, o que significa que abriga mais de 10 milhões de habitantes. Circular por suas ruas é fazer uma viagem pelo tempo: antigos templos budistas dividem o espaço urbano com arranha-céus de arquitetura de tempos modernos, impulsionados pelo crescimento da economia. Uma transformação espacial que se tornou motivo de orgulho dos sul-coreanos foi a revitalização do Rio Cheonggyecheon. Seiscentas mil toneladas de concreto e asfalto que cobriam o rio foram removidas, suas águas foram despoluídas e as margens se tornaram contínuos espaços de lazer da população de Seul.



©Shutterstock/Sayan Uranan

• Vila Bukchon Hanok, em Seul, Coreia do Sul, 2018

A seguir, serão estudados as etnias ou os povos de maior visibilidade internacional na Ásia, entre aqueles tradicionalmente associados às paisagens do continente.

## Povos minoritários ou minorias étnicas

Com mais de 4,5 bilhões de pessoas, a população asiática se divide em milhares de etnias, que se espalham por mais de 40 países. Algumas delas são representativas de cada região do continente ou se destacam pelo tamanho da população, pela luta por maior autonomia e representatividade política ou mesmo pela preservação das tradições. As características naturais e paisagísticas contribuem para explicar o modo de vida e as formas de subsistência das populações, principalmente as mais antigas.

Essas etnias, nativas do continente, são minorias em um ou em mais de um Estado, por isso são denominadas povos minoritários ou minorias étnicas. Algumas delas, inclusive, sofrem processos de exclusão ou perseguição política, o que causa migrações forçadas para países vizinhos, e frequentemente se organizam em movimentos por autonomia política ou independência dos Estados onde estão abrigadas. Vejamos alguns desses povos de modo mais detalhado a seguir.

### Povos das estepes e da taiga

Historicamente, grupos humanos nas estepes semidesérticas da Ásia Central são hábeis como pastores e cavaleiros, enquanto mais ao norte, na taiga, a vasta floresta de coníferas da Sibéria foi ocupada, de modo mais esparsa, por povos caçadores.

Migrações de populações das estepes centro-asiáticas na direção oeste, ocorridas há 5 mil anos, contribuíram para o povoamento e a composição étnica de populações europeias, principalmente na Europa Oriental. Mongóis, cazaques e turcos trazem heranças étnicas e culturais dessas populações campestres da Ásia. São povos com origem na região dos mares Cáspio e Negro e dos vales do Cáucaso e do Pamir, por onde passava a famosa rota da seda, conjunto de vias comerciais que ligavam o Extremo Oriente à Europa e ao leste da África durante a Antiguidade.



- Pessoas com trajes típicos no Festival de Nauryz (celebração do ano-novo, no equinócio de primavera) em Almaty, Cazaquistão, 2016



- Mulheres de origem lacuta em festival em Yakutsk, Rússia, 2015

Há cerca de três décadas, mais de dois terços dos povos da taiga siberiana eram nômades ou seminômades, mesclando criação de renas, coleta de alimentos e caça de animais diversos. Atualmente, por volta de 10% da população dos Sakha (ou lacutos) e dos Komi, os mais numerosos entre os siberianos, sobrevivem dessas práticas e a maior parte habita aldeias e pequenas cidades.

5 Sugestão de filme.



## Rohingyas

Nos últimos anos, os rohingyas têm chamado a atenção do mundo por conta do intenso e prolongado processo de perseguição que vêm sofrendo em Mianmar, em especial em 2017 e 2018. Trata-se de uma população de religião predominantemente muçulmana, mas que vive em um país de maioria religiosa budista. Além disso, o **nacionalismo** tem crescido em Mianmar, o que não favorece as minorias religiosas com cultura e idioma próprios, como os rohingyas.

Embora o país reconheça 135 minorias étnicas, os rohingyas não são considerados cidadãos, mas imigrantes clandestinos, embora vivam lá há décadas, com gerações inteiras nascidas no território. Dessa forma, constituem uma grande população de **apátridas**. Por isso, ainda hoje enfrentam muitas dificuldades para ter acesso a serviços públicos básicos, como saúde, segurança e educação, e superar a condição de pobreza em que vivem.

Em 2017, os rohingyas eram estimados em cerca de um milhão de habitantes, entre os 53 milhões da população total de Mianmar. Entretanto, ao fim de 2018, após mais de 10 mil rohingyas serem mortos pelo exército e por milícias mianmarenses, mais de 700 mil migraram à força para campos de refugiados em Bangladesh. Por conta dessa situação, a imagem internacional do país foi fortemente abalada, assim como a de sua líder, Aung San Suu Kyi. Apesar de ganhar o Prêmio Nobel da Paz em 2005 por sua luta pela democracia em Mianmar, Aung foi bastante criticada por sua omissão diante das perseguições aos rohingyas, consideradas um **genocídio** pela ONU.



• Refugiados rohingyas em Teknaf, Bangladesh, 2017



• Curdos em Hawraman, área habitada por esse povo no Irã, 2018

## Curdos

Com características culturais seminômades e organização baseada em clãs, os curdos são considerados a maior nação sem Estado ou minoritária do mundo. Sua população, estimada entre 30 e 40 milhões de pessoas, encontra-se historicamente distribuída entre os territórios de Turquia, Síria, Iraque, Irã, Armênia e Azerbaijão. Sua origem é pouco conhecida, mas estudos apontam para o noroeste do atual Irã. A própria língua curda deriva da antiga língua persa, idioma oficial do Irã.

● **nacionalismo:** doutrina que visa à afirmação nacional nos planos político, econômico e cultural.

Fonte: SANDRONI, Paulo. *Dicionário de economia do século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

**apátridas:** pessoas que são destituídas de qualquer nacionalidade, não sendo consideradas cidadãs de país algum, o que acarreta também na ausência de direitos garantidos.

**genocídio:** ação de extermínio de determinado grupo por razões de religião, etnia, nacionalidade e outras.

A população curda não é homogênea; há diversos grupos políticos que a representam nos diferentes países onde ela se encontra. Em alguns casos, como o do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), na Turquia, pesam acusações ligadas ao terrorismo. Dessa forma, os curdos acabam sendo combatidos pelo governo turco, receoso quanto ao desejo de emancipação da etnia que ocupa grande parte do seu território.

Nos casos do Iraque e da Síria, os grupos curdos se organizaram em milícias e guerrilhas aliadas dos Estados Unidos para enfrentar as forças de grupos terroristas como o Estado Islâmico (EI), que, entre 2014 e 2017, dominou boa parte desses países. A participação dos curdos foi de grande relevância para a expulsão do EI e, dessa maneira, conseguiram apoio dos Estados Unidos para ter maior autonomia em seus territórios. A aliança, contudo, não implica apoio para lutas de independência nacional.

## Palestinos

Os palestinos são árabes de maioria muçulmana, mas com importante minoria cristã ortodoxa, que vivem em Israel, um país judaico. Essa condição é causa de muitas controvérsias e também fruto delas. No território israelense, há áreas consideradas sagradas para seguidores de três importantes religiões: judaísmo, islamismo e cristianismo. A cidade de Jerusalém, por exemplo, é simbólica para cada uma dessas religiões.

Desde o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1919), a região denominada historicamente de Palestina, que correspondia a quase todo o território ocupado na atualidade por Israel, encontrava-se sob administração do Reino Unido.

Em 1947, a recém-criada ONU aprovou um plano de partilha da região da Palestina em dois Estados. Um deles seria destinado aos árabes com o nome de Palestina, correspondendo a cerca de 43% da área total, e envolveria a Cisjordânia, a Faixa de Gaza e outras porções. O outro, com o nome de Israel, seria destinado aos judeus, com aproximadamente 57% da área total.

Em 1948, logo após a retirada do Reino Unido da Palestina, a Agência Judaica aí proclamou o Estado de Israel.

O Estado Judeu foi estabelecido (Israel), mas o Estado Palestino não. Por conta dos muitos confrontos ocorridos desde a fundação, seja com países árabes da vizinhança, seja com grupos palestinos como o *Hamas*, Israel ocupou as áreas previstas para o Estado Palestino e as mantém sob ocupação.

Confira nos mapas da página 2 do **material de apoio** que a proposta de partilha dos Estados Palestino e Israelense elaborada pela ONU em 1947 já trazia o território árabe (Palestina) segmentado. No extremo norte do atual Estado de Israel, na divisa com o Líbano e proximidades da fronteira com a Síria, está a região denominada Colinas de Golã. Ao final da Guerra dos Seis Dias, em 1967, Israel incorporou esse território e o mantém até hoje. Ele é considerado de estratégica importância econômica, uma vez que abriga as nascentes do Rio Jordão, o único com plenas condições de abastecer a agricultura irrigada de seu árido território. Também houve significativa redução da área da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, territórios inicialmente destinados aos palestinos, além da Península do Sinai que, contudo, foi devolvida ao Egito no ano de 1982, em troca do reconhecimento diplomático de Israel por parte do país árabe.

Nas décadas seguintes, a instalação de colônias judaicas no interior desses territórios, em princípio reservados à Palestina, explicita o domínio israelense sobre eles.

• Jerusalém, Israel, 2018



©Shutterstock/Apostrophe



## Coreias: um povo e dois Estados

Os coreanos formam um povo de origem milenar, que remonta à junção de três reinos no século X. Ocupando uma península relativamente estreita no extremo oriente asiático e tendo como vizinhos nações maiores e mais fortes militarmente, sofreu diversas invasões ao longo da história, em especial de mongóis, chineses e japoneses. O Japão invadiu e ocupou a península de 1910 até o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), quando os soviéticos ocuparam o norte dela, e os estadunidenses, o sul.

Como um dos resquícios mais duradouros do período da Guerra Fria, o povo coreano segue ainda hoje dividido em dois Estados: Coreia do Norte, socialista e formada sob influência soviética, e Coreia do Sul, capitalista e formada sob influência estadunidense. Essa divisão se deu em 1948 e se consolidou em 1953, com o armistício assinado ao final da Guerra da Coreia (1950-1953). Na ausência de um tratado de paz, essa situação se estende até os dias atuais, de modo que a guerra ainda não foi, oficialmente, encerrada. Embora os países tenham pacificado de forma considerável as relações entre si, continuam tecnicamente em guerra.

©Shutterstock/Forsten Pursche



• Pyongyang, capital da Coreia do Norte, 2018

©Getty Images/AsiaPac



• Presidente da Coreia do Sul, Moon Jae-in (à esquerda), e da Coreia do Norte, Kim Jong-un (à direita), durante encontro em 2018

Após tensões decorrentes de exibições de testes com mísseis por parte da Coreia do Norte e de hostilidades diplomáticas entre as lideranças da Coreia do Norte e dos Estados Unidos, em 2018 foi realizada uma jornada de conversações entre os governantes da Coreia do Norte (Kim Jong-un) e da Coreia do Sul (Moon Jae-in).

## Organize as ideias

Situe no mapa a seguir, de forma aproximada, as regiões habitadas pelas seguintes nações destacadas no capítulo: **rohingyas**, **curdos**, **palestinos** e **coreanos**. Para tanto, preencha a legenda do mapa e escolha um título para ele. Em seguida, descreva brevemente a situação atual dessas nações.



Luciano Daniel Tullio

Fonte: IBGE. Atlas geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. Adaptação.

a) Rohingyas:

População islâmica que habita uma região do oeste de Mianmar e vem sendo perseguida e submetida a genocídio nesse país, fato que tem obrigado os rohingyas a migrar e buscar refúgio principalmente em Bangladesh.

b) Curdos:

População predominantemente islâmica que representa a mais numerosa entre as nações que não têm Estado próprio. Os curdos correspondem a minorias situadas na região norte do Oriente Médio e ao sul da Cadeia do Cáucaso, em especial no sudeste da Turquia e no norte da Síria e do Iraque.

c) Palestinos:

Povo de origem árabe e de predomínio muçulmano que anseia pela autonomia de seus territórios, Faixa de Gaza e Cisjordânia, ocupados militarmente e administrados por Israel.

d) Coreanos:

Nação antiga e dividida após a Segunda Guerra Mundial, como resultado de conflito desencadeado durante a Guerra Fria.

## China e Índia: gigantes e multiétnicas

China e Índia, os dois países mais populosos do mundo, com seus extensos territórios, apresentam grande diversidade étnica, bem como uma variedade de línguas e religiões. Ambas as sociedades são herdeiras de duas das mais antigas culturas do mundo, cujas civilizações se constituíram há cerca de 4,5 mil anos.

No decorrer de muitos séculos, o mosaico de povos que se estabeleceram nesses territórios permitiu o desenvolvimento de uma pluralidade de culturas, bem como de intenso **sincretismo cultural**.

O **sincretismo cultural** é a fusão de diferentes conjuntos de ritos, doutrinas ou dogmas, compondo uma nova religião, filosofia ou cultura.



Tais países se sobressaem no cenário político-econômico mundial de forma expressiva. Leia a seguir a projeção feita para eles por um cientista político brasileiro em fevereiro de 2018, no jornal *Folha de S.Paulo*.



## A ascensão da “Chíndia”

China e Índia entram em nova fase de adaptação criativa e miram Sudeste Asiático

Marcos Troyjo, 21 fev. 2018

[...] Basta visitar os principais *hubs* industriais e tecnológicos desses dois países, como Shenzhen e Bangalore, para perceber como a ‘Chíndia’, termo cunhado pelo parlamentar indiano Jairam Ramesh para designar o eixo mais pujante dos mercados emergentes na Ásia, entrou numa nova fase de adaptação criativa.

Para a China, a primeira fase de adaptação criativa significou a reorganização da sua capacidade produtiva para que o país pudesse se tornar líder em exportações. Fomentou ademais parcerias público-privadas que disponibilizaram o capital necessário à expansão da sua infraestrutura. Controlou salários, taxas de câmbio e fatores de produção para turbinar sua alta competitividade.

Na Índia, a adaptação criativa foi materializada, nos últimos 25 anos, pela provisão de alternativas mais baratas em áreas como tecnologia da informação, farmacêuticos e têxteis. Bangalore, o *hub* de tecnologias da informação, floresceu graças a essa política e virou o berço de grandes conglomerados da indústria digital indiana [...].

Há crescentemente na ‘Chíndia’ a noção de que os mercados tradicionais dos Estados Unidos e da Europa estão em recuperação, mas que de fato o eixo geoeconômico do mundo está localizado no Sudeste Asiático.

Assim, a ‘Chíndia’ está se voltando cada vez mais à sua própria região. A China implementa medidas voltadas ao desenvolvimento de cadeia de fornecedores nos mais diferentes setores em países como Vietnã, Tailândia, Mianmar e na própria Índia.

Se um fabricante de aeronaves pretende vender seu produto para o cliente mais importante da China, que

é o governo chinês, há que produzir, essencialmente, 70% dos componentes dos aviões na China, gerando, portanto, impostos e empregos no país.

A China tem capacidade de investimento e, para além de seu banco de desenvolvimento – o maior do mundo –, conta com novas instituições lideradas por Pequim que apenas fortalece o campo magnético de sua influência e poder econômico. Tudo isso ajuda na transformação do modelo econômico de uma ênfase orientada a exportações para maior atenção ao mercado interno ou mesmo ao crescimento turbinado pela criação de projetos estruturantes na Ásia-Pacífico.

[...]

Na Índia, temos uma situação muito desigual. Quando se trata de tecnologia da informação, biotecnologia e farmacêutica, os avanços são grandes porque contam com um grande aporte de investimentos do setor privado. As empresas multinacionais fazem suas pesquisas na Índia por causa do custo relativamente baixo de produção e do alto nível de capital intelectual humano lá existente. Hoje, na Índia, há mais telefones celulares do que banheiros. Há mais bilionários do que no Reino Unido e na França juntos.

Mas é também um país em que há pessoas mais pobres do que em todo o continente africano. Para a Índia fazer frente aos novos desafios, sua principal tarefa é a simplificação das práticas negociais e a paralela diminuição da burocracia. Além de tamanho, em ambos os casos, o continuado sucesso da ‘Chíndia’ dependerá essencialmente de velocidade empresarial.

Nesse aspecto, ainda que a Índia tenha crescido percentualmente mais do que a China nos últimos dois anos, o ritmo e sintonia de adaptação chinesa aos novos tempos é bastante maior.



Na Índia, as características próprias de cada estado e território se manifestam tanto no meio físico, em que savanas semiáridas e florestas úmidas se avizinham, quanto na história e na tradição de seus povos. Arquiteturas, gastronomias, trajes e idiomas diversificam e valorizam o cenário cultural indiano.

Embora o hinduísmo tenha cerca de 80% de seguidores na Índia, muitas outras religiões se distribuem pelo território indiano. São exemplos o islamismo (cerca de 15% de fiéis), o cristianismo e o sikhismo (cada qual com cerca de 2% de seguidores).

Uma minoria da população não segue nenhuma dessas religiões. As centenas de povos tribais, por exemplo, têm seus próprios credos. Apesar de serem bastante afetados pelas rápidas transformações que acontecem no espaço indiano, como as que decorrem da urbanização e da redução das florestas, muitos de seus membros são fiéis aos costumes, que se diferem dos vizinhos. Parte dos chenchus, uma das populações tribais do sul da Índia, ainda hoje depende totalmente da floresta para seu sustento, vivendo da caça e da coleta.

Registros das primeiras civilizações do território na atualidade pertencente à China, tal como na Índia, datam de dezenas de séculos. Ao longo de sua rica e complexa história, os povos chineses contribuíram com grandes invenções ou inovações que foram muito importantes para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas, como o papel, a pólvora e a bússola.

A China foi governada por diversas dinastias e passou por muitas transformações na dimensão e na configuração de seu território. Um exemplo dessas alterações é a famosa Muralha da China, construída ao longo de 2 mil anos por diferentes dinastias da época da China Imperial. Ela servia de barreira para impedir invasões de outros povos vindos do norte. Atualmente, restam apenas alguns trechos da grande muralha. No entanto, estimativas mais recentes indicam que ela, em toda a sua extensão e fragmentos, totalizou cerca de 20 mil km.

A submissão de vários povos para garantir a unificação da China em seu extenso território não é apenas estratégia do passado remoto da China, como é o caso das lutas pela autonomia de Sinkiang, onde a maioria uigur segue a fé islâmica, e do Tibete, de maioria budista.



©Shutterstock/Cr Photo

• Festival Durga Puja, em Kolkata, Índia, 2010

©Shutterstock/Michael Gordon



• Muralha da China, em localidade situada a cerca de 100 km ao norte de Pequim, capital do país, 2018



## Hora de estudo

1. Iêmen, Afeganistão e Síria estão entre os países asiáticos com mais baixo desenvolvimento socioeconômico. Explique brevemente a causa principal dessa precária situação social e econômica.

Esses três Estados asiáticos passaram ou ainda passam por guerras, além das dificuldades naturais geradas pelo clima predominantemente árido ou semiárido.

2. A diversidade cultural dessa região da Ásia pode ser explicada pelo intenso e prolongado trânsito de caravanas e exércitos entre o litoral do Pacífico, no Extremo Oriente, e a Europa, em grande parte realizado sobre estepes em planaltos. De que região se trata? Cite os países nela situados.

É a Ásia Central, onde se localizam Cazaquistão, Uzbequistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Quirguistão, antigas repúblicas soviéticas.

3. Cite duas razões para a grande diversidade de etnias e de línguas faladas na China e na Índia.

A antiguidade das civilizações que se estabeleceram nesses territórios, especialmente nas planícies fluviais, e a grande extensão de seus territórios, principalmente o chinês.

4. O Sudeste Asiático se caracteriza fisicamente como uma região peninsular e outra insular.

- a) Qual a diferença física entre essas duas subdivisões do Sudeste Asiático?

A diferença está no fato de que a porção peninsular se situa na área continental, onde se localiza a Península da Indochina e, nesta, a Península Malaia. A porção insular é composta de diversas ilhas que formam o arquipélago de Sonda, onde está a Indonésia, além do arquipélago das Filipinas.

- b) O Sudeste Asiático, composto de grande diversidade étnica e culturas milenares, vem recebendo um número de turistas internacionais cada vez maior. Cite três países do Sudeste Asiático que se destacam pelo número de turistas que recebem.

Tailândia, Malásia, Cingapura e Indonésia são os que mais atraem turistas na região; contudo, destaca-se o crescimento dessa atividade também no Vietnã e no Camboja.

5. Entre as nações desprovidas de Estados próprios estão os curdos. Quem são eles e onde se localizam?

Os curdos representam a mais numerosa nação sem Estado no mundo. Estima-se que totalizem cerca de 30 milhões de pessoas, que se distribuem no Oriente Médio, no leste da Turquia, no norte da Síria e do Iraque, como também no Irã, onde constituem minorias e, muitas vezes, são perseguidos.

6. Jerusalém é cidade sagrada para três religiões, o que lhe atribui importância ainda maior e uma situação estratégica na geopolítica do Oriente Médio.

Onde se localiza Jerusalém e quais são as religiões que têm templos e locais sagrados nessa cidade?

Jerusalém situa-se em Israel, na Cisjordânia (área de conflito entre israelenses e palestinos). Ela é considerada cidade sagrada para islamismo, judaísmo e cristianismo.

## A Europa no século XXI



©Shutterstock/Strizh-

1 Sugestão de respostas.

A Europa, conforme vimos no capítulo 4, forma com a Ásia uma enorme unidade geológica denominada Eurásia, da qual é praticamente uma grande península. Sua população, bem inferior à do continente asiático, é estimada em cerca de 743 milhões de pessoas, segundo dados da ONU em 2019. Apesar disso, países europeus exerceram a hegemonia global do século XVII ao XIX. Após a Europa ser o palco principal de duas guerras mundiais, países desse continente mantiveram grande poder econômico e político no século XX, mas enfrentam desafios no século XXI.



Com base em seus conhecimentos sobre esse tema, escreva qual importante entidade é simbolizada na imagem acima e quais são seus maiores desafios atualmente.



## Objetivos

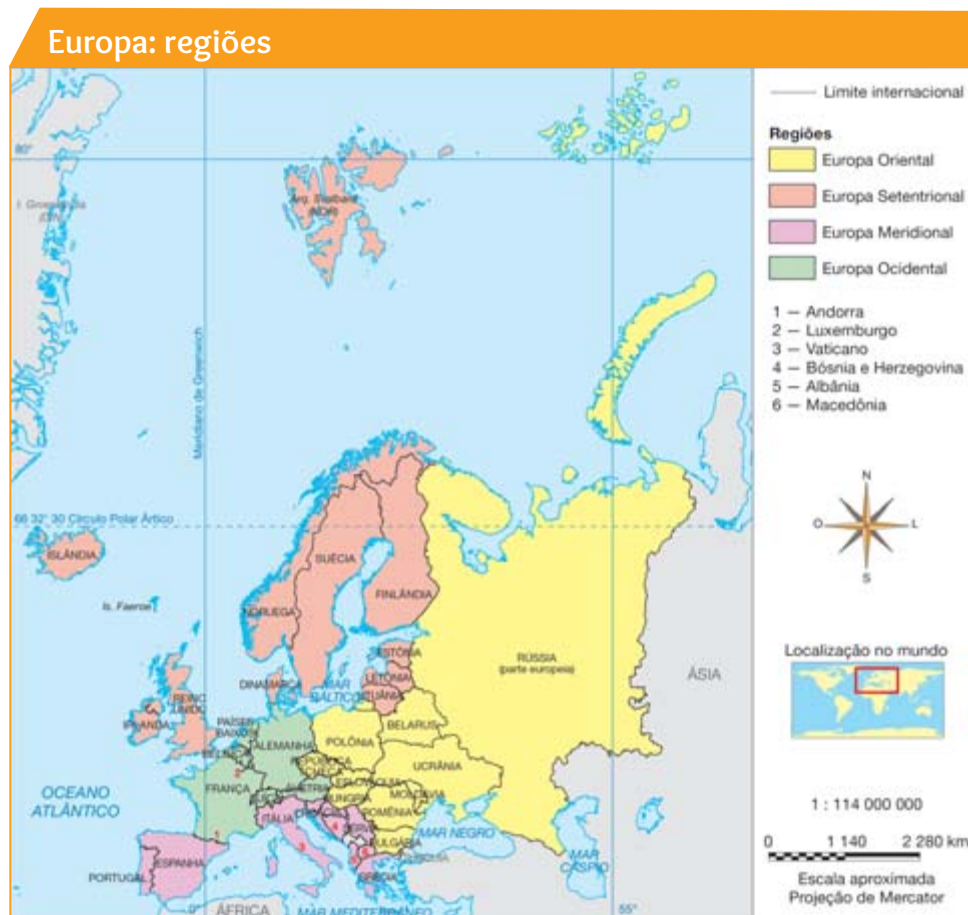
- Reconhecer as diferenças socioculturais existentes entre os países e as regiões da Europa.
- Analisar os desafios sociais com os quais a União Europeia se depara no século XXI.

O continente europeu, como sabemos, é matriz de muitas línguas oficiais de países de outros continentes, em especial o americano, primeiro a ser alvo de suas conquistas. Apesar da área pequena e da população comparativamente diminuta, colonizou territórios nos demais continentes, onde exerceu soberania por séculos. Na atualidade, contudo, a Europa é um continente relativamente pacífico e próspero, mas que enfrenta dificuldades dos pontos de vista social, econômico e político, como veremos na primeira parte deste capítulo. Para isso, lançaremos um olhar particular para as diferentes regiões do continente e para sua diversidade cultural. Na segunda parte do capítulo, os desafios da União Europeia diante das recentes ondas migratórias e as discussões que isso tem gerado são o foco principal.

## ► Sociedade, economia e política na Europa



Apesar do elevado desenvolvimento socioeconômico médio do continente como um todo, há contrastes significativos entre as condições de vida e os níveis de desenvolvimento dos diferentes países e regiões da Europa. A título de exemplo, sob o ponto de vista econômico, países como Alemanha, França, Reino Unido e Itália exercem liderança histórica, enquanto Portugal, Espanha, Irlanda e Grécia apresentam menor produção tecnológica e científica e processo de sofisticação industrial mais recente. Os países da região oriental do continente, por sua vez, tiveram um desenvolvimento muitas vezes mais ligado à potência russa que aos países já citados.



Fonte: ONU. *Methodology: standard country or area codes for statistical use*. Disponível em: <<https://unstats.un.org/unsd/methodology/m49/>>. Acesso em: 6 fev. 2019. Adaptação.

## Cartografar



A tabela a seguir apresenta duas listas com diferentes referências de dados: a primeira trata do Produto Interno Bruto (PIB), de caráter essencialmente econômico; a segunda exibe o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que reflete a situação socioeconômica dos países. Em cada lista, estão os 10 países europeus que mais se sobressaem nesses quesitos.

OS 10 PAÍSES COM MAIOR PIB* DA EUROPA, EM US\$ (ABR. 2018)		OS 10 PAÍSES COM MAIOR IDH** DA EUROPA (2018)	
Alemanha	3,68 trilhões	Noruega	0,953
Reino Unido	2,62 trilhões	Suíça	0,944
França	2,58 trilhões	Irlanda	0,938
Itália	1,93 trilhão	Alemanha	0,936
Rússia	1,52 trilhão	Islândia	0,935
Espanha	1,31 trilhão	Suécia	0,933
Turquia	849 bilhões	Países Baixos	0,931
Países Baixos	849 bilhões	Dinamarca	0,929
Suíça	679 bilhões	Reino Unido	0,922
Suécia	538 bilhões	Finlândia	0,920

\*IMF. *World Economic Outlook Database April 2018*. Disponível em: <<https://www.investopedia.com/insights/worlds-top-economies/>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

\*\*UNDP. *Human Development Report*. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/2018-update>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

1. Baseando-se no mapa da página anterior, organize os países inseridos nessas listas de acordo com as respectivas regiões do continente europeu em que se situam.
2. De acordo com a tabela, podemos afirmar que há correspondência entre os países europeus com maior PIB e maiores Índices de Desenvolvimento Humano? Por que isso ocorre, em sua opinião?

**2** Sugestão de respostas.

## Europa Ocidental: núcleo econômico da União Europeia

Como resquício da Guerra Fria, a expressão “Europa Ocidental” é, por vezes, utilizada para se referir a toda porção não oriental da Europa, ou seja, às regiões setentrional, meridional e ocidental, como um único conjunto. Isso ocorre porque, conforme vimos no capítulo 9, essa foi uma época caracterizada pela bipolarização do mundo entre os países capitalistas, liderados pelos Estados Unidos, e os países socialistas, sob a liderança da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que se desintegrou em 1991. Esses últimos se agrupavam na atual região da Europa Oriental e, em contraposição, todo o restante era conhecido como Europa Ocidental.

Atualmente, a regionalização proposta para o continente europeu pela ONU considera outros aspectos além do político-ideológico, de forma que a Europa Ocidental é constituída por Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Liechtenstein, Luxemburgo, Mônaco (cidade-Estado), Países Baixos e Suíça. Essa região é considerada, de certa maneira, o coração econômico da União Europeia porque une França e Alemanha, as duas maiores economias da Zona do Euro, como é denominado o conjunto de países que adotam essa mesma moeda em comum.



Esses dois países em particular, e a região como um todo, têm sido destinos preferidos de boa parte de imigrantes e refugiados vindos de regiões instáveis da África e do Oriente Médio. Estes, em sua maioria, alcançam o continente por meio da perigosa travessia do Mar Mediterrâneo e, em anos recentes, aportam majoritariamente na Itália, em ilhas espalhadas na costa mediterrânea deste país. Isso tem gerado tensão entre o governo italiano e a União Europeia – uma vez que o país se queixa de arcar com os custos de assistência sem auxílio suficiente –, e os governos francês e alemão, que fazem pressão por um tratamento humanitário condizente às normas do bloco. Também no interior da França e da Alemanha, intensos debates políticos têm sido travados em torno do acolhimento e da integração dos imigrantes na sociedade.

## Europa Setentrional: Estado de bem-estar em questão

Os países escandinavos ou nórdicos, termo este que faz referência à localização na porção mais setentrional do continente – Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia e Islândia, uma ilha bastante afastada –, apresentam índices elevados de desenvolvimento humano. Nesses países, o ideal do **Estado de bem-estar social**, ou *welfare state*, um tipo intermediário de desenvolvimento, capitalista, porém com forte atuação do Estado, atingiu maior desenvolvimento, em especial durante o período da Guerra Fria.

Diante das recentes tendências que têm predominado nos países mais desenvolvidos, os países nórdicos têm revisto e debatido intensamente o sistema de proteção social universal de que se orgulham, mas que tem se mostrado cada vez mais custoso em proporção de verbas estatais que demanda. Envelhecimento da população, crescimento econômico moderado, endividamento público, fluxos migratórios e ascensão de grupos políticos radicais são aspectos relevantes que, em maior ou menor medida, têm pressionado transformações importantes nos Estados da Europa Setentrional.

Se os países nórdicos se mostram relativamente homogêneos no que diz respeito à alta qualidade de vida da população, a situação econômica e financeira, entretanto, revela fortes contrastes. Islândia, com seu território reduzido e uma população de menos de 350 mil habitantes, e Noruega, beneficiada por fartas divisas advindas da exploração do petróleo, apresentam condições mais favoráveis. Suécia, Dinamarca e Finlândia, por sua vez, têm populações bem maiores que a da Islândia, mas não contam com as receitas petrolíferas da Noruega. Desde os anos 1990, esses países têm tomado diferentes medidas para facilitar contratações e demissões de funcionários, aumentar o tempo de trabalho e a contribuição previdenciária. Além disso, têm facilitado a vinda de imigrantes, o que gera debates e problemas similares aos que vimos em outros países europeus e que voltaremos a discutir na segunda parte do capítulo. Reino Unido e Irlanda, os outros países dessa região, também serão estudados posteriormente, quando será tratada ainda a questão dos seus envolvimento no processo de rompimento do Reino Unido com a União Europeia.

● **Estado de bem-estar (Welfare state)** – sistema econômico baseado na livre-empresa, mas com acentuada participação do Estado na promoção de benefícios sociais. Seu objetivo é proporcionar ao conjunto de cidadãos padrões de vida mínimos, desenvolver a produção de bens e serviços sociais, controlar o ciclo econômico e ajustar o total da produção, considerando os custos e as rendas sociais. Não se trata de uma economia estatizada; enquanto empresas particulares ficam responsáveis pelo incremento e realização da produção, cabe ao Estado a aplicação de uma progressiva política fiscal, de modo a possibilitar a execução de programas de moradia, saúde, educação, Previdência social, seguro-desemprego e, acima de tudo, garantir uma política de pleno emprego. O estado do bem-estar corresponde fundamentalmente às diretrizes estatais aplicadas nos países desenvolvidos por governos social-democratas. [...]”

SANDRONI, Paulo. *Dicionário de economia do século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

©Shutterstock/Subodh Agrithotri



● Helsinki, capital da Finlândia, 2019

## Europa Meridional: de frente para o Mediterrâneo

Os países do sul da Europa têm como característica litorais bem recortados, compondo penínsulas e arquipélagos ao longo do Mar Mediterrâneo e, no caso de Portugal, do Oceano Atlântico. No entorno desse mar e em suas ilhas floresceram inúmeras civilizações antigas. No passado milenar e também no presente, os portos dessa região da Europa são espaços geográficos de grandes fluxos de mercadorias, capitais e pessoas.



©Shutterstock/Urban Napflin

• Bairro carente em Nápoles, Itália, 2017

Esses países registram alguns locais de concentração de pobreza, atualmente ainda mais acumulada nos bairros habitados por famílias de imigrantes ou descendentes destes. Nos anos mais recentes, a Itália, em particular, tem visto o problema crescer no país, que se tornou a principal via de entrada no continente europeu e acesso à União Europeia para jovens africanos e asiáticos.

Tais países estão entre os que foram mais afetados pela crise econômica que se espalhou dos Estados Unidos pelo mundo em 2008, atingindo o continente no ano seguinte. Em recessão, a Grécia teve que cortar com urgência os excessivos gastos públicos praticados até então. Orientados pela cúpula da União Europeia e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), esses países adotaram políticas de austeridade, isto é, corte de gastos e flexibilização do mercado de trabalho.

Nesse contexto, as taxas de desemprego e a informalidade no trabalho, especialmente entre os mais jovens, cresceram de modo preocupante, gerando protestos e até mesmo uma quase ruptura da Grécia com a União Europeia em 2015, o que não aconteceu. Embora o país ainda enfrente muitas dificuldades para vencer desafios sociais, desde meados de 2017 se encontra em lenta recuperação e, no ano seguinte, abandonou a tutela que aceitou por oito anos da União Europeia e do FMI sobre suas políticas públicas em troca de verbas e recursos.

©Shutterstock/Alexandros Michailidis



• Protestos contra os planos de austeridade econômica em Atenas, capital da Grécia, 2015

Portugal passou por sensíveis mudanças a partir de 2015, com um governo de coalizão de grupos de orientação política à esquerda. O país promoveu um programa de corte de gastos públicos e melhoramento do sistema bancário. Nos últimos anos, a estabilidade financeira alcançada tem facilitado os investimentos estrangeiros no país, que também se beneficia de uma forte alta no turismo.



## Europa Oriental: entre o Oriente e o Ocidente

Nas últimas décadas, os países da Europa Oriental passaram por importantes transformações. Nos anos 1990, enquanto alguns grupos enriqueciam, uma parte expressiva da população experimentava o desafio de enfrentar a competitividade do mercado de trabalho capitalista. No novo sistema, as mercadorias passaram a ser cada vez mais abundantes e diversificadas, mas o emprego e, portanto, o acesso ao consumo, nem sempre era assegurado.

Em alguns casos, como estudamos no capítulo 9, esse período de transição produziu tensões geopolíticas tão grandes que desencadearam episódios violentos ou até guerras. O principal exemplo é o caso da Iugoslávia, que se fragmentou em seis países independentes, e Kosovo, que luta pelo reconhecimento de seu *status* soberano pela ONU. Nos países que enfrentaram essa situação, os ressentimentos ainda são recentes e é comum que haja grupos sociais que nutram rancores e desconfianças entre si.

Na década de 2000, boa parte dos países entrou na União Europeia e vinculou suas economias cada vez mais às demais regiões do continente, o que resultou em situações distintas. A Eslovênia, por exemplo, figura entre as nações com maior Índice de Desenvolvimento Humano do planeta e também um dos mais bem avaliados em testes internacionais de educação.

Já a Hungria e a Polônia, se por um lado são confrontadas com a chegada de imigrantes de países mais pobres, por outro têm enfrentado processos de “fuga de cérebros”, em que boa parte dos jovens com qualificação profissional deixa o país para trabalhar em economias mais ricas.



© Shutterstock/Northfoto

• Cidade de Djakovica, no Kosovo, abalada pela guerra ocorrida na região, em 1999

© Shutterstock/Lindasky76



• Liubliana, capital da Eslovênia, 2018

A presença de imigrantes na Europa Oriental suscita polêmicas por conta de sua assimilação na sociedade. Isso porque muitos exercem outras religiões que não o cristianismo, predominante nessa parte do continente, falam línguas próprias e, por vezes, não se integram facilmente à cultura nativa. Contudo, a estrutura demográfica e o fluxo migratório desses países fazem com que suas economias sejam, em parte, dependentes da mão de obra dos imigrantes.

## Rússia e suas áreas de influência na região

Historicamente, a Rússia exerce forte influência política, econômica e social na Europa Oriental e busca manter a hegemonia geopolítica na região. Um dos principais desafios vividos pelos países vizinhos dos russos desde o desmantelamento da União Soviética, em 1991, é reduzir essa condição. O principal meio para tal tem sido a aproximação ou a integração com a União Europeia. Esse bloco econômico e suas principais potências exercem grande poder de atração sobre os europeus orientais, sobretudo os mais jovens. Isso se dá por conta, em especial, dos contrastes de desenvolvimento que se traduzem em maiores salários e também pela dependência crescente de suas economias em relação aos negócios e aos mercados que envolvem o bloco.

A influência russa sobre algumas ex-repúblicas soviéticas da Europa Oriental, como Belarus e Ucrânia, é significativa. A última vive sob tensão constante com o vizinho, que desde 2014 anexou a Península da Crimeia e a considera seu território, alegando responder à vontade popular expressa em um referendo que, contudo, não foi reconhecido pelo governo ucraniano, tampouco pelos demais países europeus. Além disso, o exército russo é acusado de apoiar veladamente a insurreição de rebeldes ucranianos independentistas de origem russa nas repúblicas separatistas e autoproclamadas de Lugansk e Donetsk, na região conhecida como Donbass, no leste do país, conflagradas desde 2014 em prolongada guerra civil.

### Olhar geográfico

Leia o texto a seguir.

A parte oriental ucraniana é majoritariamente russa, tanto étnica quanto culturalmente. No extremo oeste, próximo às fronteiras com a Polônia, a República Tcheca e a Eslováquia, quase ninguém se considera russo, e o ucraniano é a língua majoritária. Esses dois grupos, com visões de mundo bastante distintas, entraram em choque no outono de 2013.

Sob pressão do oeste e da parte mais liberal da sociedade, a Ucrânia iniciou um processo de aproximação com a União Europeia, com vistas a se tornar um país membro do bloco e se integrar à Otan (a aliança militar ocidental).

O movimento acendeu o sinal de alerta na Rússia, que vê a Ucrânia como aliado estratégico e país fundamental em sua esfera de influência. Sob pressão de Moscou, o então presidente ucraniano Victor Yanukovich suspendeu as negociações com a União Europeia no final de 2013.

Kiev entrou em chamas. Protestos violentos se estenderam por quase todo o inverno, até que, em fevereiro de 2014, após as forças oficiais matarem mais de 70 pessoas em um só dia, Yanukovich caiu. Forças políticas ligadas ao oeste do país assumiram o poder. A Rússia reagiu.

Primeiro, anexou a Crimeia. Depois, incitou Lugansk e Donetsk a se rebelarem contra o poder central de Kiev.

BOECHAT, Ian. *Separatistas e Exército travam na Ucrânia guerra esquecida pela Europa*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/07/separatistas-e-exercito-travam-na-ucrania-guerra-esquecida-pela-europa.shtml>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

Analise esse texto e compare-o com os mapas da página 3 do seu **material de apoio** para escrever um parágrafo no caderno com uma descrição das características do território ucraniano. Procure esclarecer as relações entre: a distribuição étnico-linguística da população; as relações dessa distribuição com a influência russa; o poder da Rússia de afetar a economia ucraniana e europeia em geral em um possível rompimento de relações.

3 Resposta.



## Diversidade cultural na Europa

Há diversas classificações que buscam apontar diferentes grupos humanos europeus com base em suas matrizes étnico-culturais. Não existe consenso sobre qual dessas classificações é a mais apropriada ou quais critérios são mais relevantes para orientá-las. Uma das formas de regionalização da diversidade cultural se dá por meio da origem da língua dos povos, ou seja, por meio da classificação etnolinguística. Nesse caso, são grupos majoritários no continente europeu o conjunto dos povos latinos, germânicos e eslavos. Há, contudo, uma série de subgrupos e minorias que enriquece a variedade de idiomas e culturas europeus. Entre esses subgrupos estão bascos, catalães, ciganos, magiares e lapões, conforme veremos.

### Latinos

Predominantes na região mediterrânea, os povos latinos, além da mesma raiz linguística, têm outros traços comuns. Línguas como italiano, espanhol, português e francês são derivadas do antigo latim, a língua dominante do Império Romano, que no passado ocupou boa parte desse território. Os povos mediterrâneos, em geral, são frutos de antigas miscigenações entre si. Além disso, no Período Medieval, uma parte expressiva dessa região esteve sob domínio árabe.

A cultura dos povos latinos da Europa é familiar para latino-americanos em geral. Espanha, Portugal e França atuaram como colonizadores da América, e milhares de famílias italianas migraram para o continente entre o final do século XIX e o início do XX. Embora a dispersão das línguas originadas do latim tenha se dado principalmente na Europa Meridional, nas cercanias do Mar Mediterrâneo, a língua romena, também de origem latina, desenvolveu-se na Europa Oriental. O romeno é o idioma oficial não apenas na Romênia, mas na Moldávia, principalmente em sua porção oriental denominada de Transnístria, e ainda na Voivodina, no norte da Sérvia.



• Dançarinos flamencos em Sevilha, Espanha, 2018

De origens diversas, como cigana e moura, o estilo flamenco foi amplamente incorporado na Espanha.

### Germânicos

As culturas britânicas e germânicas, dos anglos e saxônicos, que predominam na Europa Ocidental e Setentrional, tendo como principais expoentes Alemanha, Áustria, Reino Unido, Países Baixos, Irlanda e os países nórdicos, contrastam fortemente com a latina. A aparência desses povos costuma ter alguns traços característicos, como olhos e pele claros e cabelos loiros.

Entre os escandinavos dinamarqueses, noruegueses, suecos e finlandeses, cultua-se o legado cultural dos antepassados *vikings*, povo guerreiro e navegante que conquistou boa parte do continente durante o Período Medieval.

Festividades, músicas e outras tradições dos celtas, grupo que há cerca de três milênios habitava regiões como Irlanda, Escócia, País de Gales e o noroeste da França, entre outros, são manifestações culturais de tradições europeias antigas e recentemente valorizadas dentro e fora do continente.



A Bélgica apresenta uma divisão etnolinguística peculiar: 99% da população se divide entre os que falam flamengo, o idioma neerlandês da região de Flandres, no norte do país, e os valões, que usam o francês como idioma. Como é possível ver neste mapa, a distribuição das etnias e as diferenças linguísticas, bem como de outros elementos culturais entre valões e flamengos, também explicam as manifestações separatistas no país.



Fonte: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. *Ethnic groups and languages*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Belgium/Ethnic-groups-and-languages>>. Acesso em: 21 jan. 2019. Adaptação.

## Eslavos

No Leste Europeu, a predominância é dos povos eslavos, que constituem a principal matriz étnico-cultural de russos, poloneses, sérvios, ucranianos e uma série de outras nacionalidades regionais. Fisicamente mais similares aos germânicos do que aos latinos, os eslavos também se caracterizam pelo uso do alfabeto cirílico.

Utilizado por várias línguas eslavas, como russo, bielorrusso, ucraniano, búlgaro, e até mesmo por línguas não eslavas, como o mongol, o alfabeto cirílico passou a ser o terceiro alfabeto adotado pela União Europeia, após o latino e o grego.

Inspirado ao mesmo tempo pelo alfabeto grego e pelo hebraico, o cirílico foi desenvolvido com base no glagolítico, o primeiro alfabeto eslavo, inventado pelo religioso cristão Constantino de Salônica, que viveu no século IX e que, ao final da vida, adotou o nome monástico de Cirilo.

As línguas de origem eslava, como o polonês, o russo e o servo-croata, são faladas por mais de 400 milhões de pessoas no mundo como língua nativa ou principal. A cultura eslava também se espalhou com os fluxos migratórios que se dirigiram para outros pontos da Europa, para a Ásia e para a América. No Brasil, a maior comunidade de descendentes de imigrantes eslavos habita a Região Sul.

• Bratislava, capital da Eslováquia

©Shutterstock/Augustin Lazaroiu





## Bascos

Os bascos habitam uma região que se estende entre territórios situados no norte da Espanha e sudoeste da França. A região, conhecida como “País Basco”, é ocupada por eles há milênios. Não há consenso sobre as origens desse povo, mas alguns relatos e documentos indicam sua presença naquele local desde a Antiguidade. A língua euskara, o idioma tradicional dos bascos, não tem qualquer parentesco com outras línguas faladas na Europa.



Fonte: EUSKAL KULTUR ERAKUNDEA INSTITUT CULTUREL BASQUE. *Basque country*. Disponível em: <<http://www.eke.org/en/kultura/basque-country>>. Acesso em: 7 fev. 2019. Adaptação.

Com características linguísticas e culturais próprias, os bascos se diferenciam das sociedades nacionais espanhola e francesa. Na esteira dos diversos movimentos independentistas históricos, que buscavam autonomia econômica e independência política, surgiu em 1959 o ETA, cuja sigla pode ser traduzida como Pátria Basca e Liberdade. Composto de separatistas que utilizavam o terrorismo como ferramenta de ação política, o grupo entrou em declínio e perdeu o apoio popular ao longo das décadas, e a luta independentista sucumbiu diante da estabilidade política e econômica que tomou a região. Em 2011, o ETA anunciou o fim das atividades armadas, entregando seu arsenal em 2017, antes de extinguir-se de vez, em 2018.



• San Sebastián (localizada na região do País Basco), Espanha, 2018

A prosperidade econômica presenciada em diversas cidades da região basca colaborou para arrefecer parte dos movimentos separatistas na região.

## Catalães

Os catalães, habitantes da Catalunha, próspera região espanhola, assim como os bascos, preservam seu idioma e suas tradições próprias. Por conta da forte vocação comercial, trata-se de uma das regiões mais ricas da Espanha, e o idioma catalão é falado pela maior parte da população, que o aprende nas escolas.

A Catalunha é uma das 17 Comunidades Autônomas reconhecidas pelo Estado espanhol; portanto, tem maior autonomia política que as demais províncias do país. Nas últimas décadas, a Catalunha tem se destacado no cenário esportivo mundial como um todo, em especial após as Olimpíadas de 1992, disputadas em Barcelona, a capital catalã.

Os catalães fizeram um referendo em 2017 sobre a independência da região em relação à Espanha. Extremamente controverso, o referendo não foi autorizado pelo governo central, pois, de acordo com a constituição, teria que envolver todo o país, e não apenas uma de suas províncias. A adesão foi de apenas 42% dos catalães, mas essa parcela minoritária dos cidadãos foi amplamente favorável à independência. Não sendo reconhecido como legítimo por nenhum país nem pela União Europeia, o pleito foi reprimido por parte do governo nacional, e os protestos, nos dias seguintes, dos setores que não apoiaram a independência levaram a um impasse, por fim derrubando o então presidente regional da Catalunha.

### Catalunha



Fonte: INSTITUT CARTOGRÀFIC I GEOLÒGIC DE CATALUNYA. Mapa comarcal i municipal de Catalunya 1:500.000 - 2015. Disponível em: <[http://www.icc.cat/web/content/misc/icc/download/201504\\_mapa\\_comarcal\\_500m.pdf](http://www.icc.cat/web/content/misc/icc/download/201504_mapa_comarcal_500m.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2015. Adaptação.



- Mobilização popular durante votação pela independência da Catalunha, em Barcelona, Espanha, 2017

## Atividades

Diferenças étnicas, políticas ou religiosas por vezes acirram ainda mais as rivalidades nos esportes entre agremiações locais ou entre seleções europeias.

Pesquise na internet algum exemplo de rivalidade esportiva na Europa em que há um componente étnico, político ou religioso envolvido. Registre suas descobertas e, sob orientação do professor, compartilhe-as com os colegas.

Podem ser citados como exemplos: Barcelona x Real Madrid (futebol ou basquete), clubes bascos, como Athletic de Bilbao e outro de Madri; Celtic x Rangers (na Escócia); no basquetebol, futebol, voleibol e handebol da ex-Iugoslávia, a rivalidade entre Sérvia e Croácia.



## Magiares

O Leste Europeu também é repleto de minorias que historicamente se esforçaram para manter suas identidades culturais particulares em meio à predominância dos eslavos. Algumas delas vivem na região do Cáucaso e conquistaram Estados nacionais soberanos (respectivamente Geórgia, Azerbaijão e Armênia) com o fim da União Soviética, como é o caso de georgianos, azeris e armênios. Outras, como ossetas e chechenos, que também vivem na região, ainda lutam pela autonomia.

Os magiares correspondem a uma etnia com cerca de 10 milhões de pessoas, ou 97% da população da Hungria. Ademais, constituem minoria étnica na Romênia, onde aproximadamente 1,4 milhão de pessoas habita a região da Transilvânia, e 300 mil no norte da Sérvia, em Voivodina.

A etnia magiar descende de tribos originárias dos Montes Urais, na Rússia, cujo grupo linguístico inclui idiomas de populações que se estendem desde a Finlândia à Hungria e à Sibéria Ocidental. Invasões de povos eslavos e turcos no decorrer da história contribuíram para a composição da língua húngara.

### 4 Informações sobre os azeris.



• Artesãos em feira tradicional que procura valorizar a cultura magiar em Budapeste, capital da Hungria, 2019

## Ciganos

Outra minoria presente em diversos países europeus, e também em outras partes do mundo, inclusive no Brasil, são os ciganos. Embora de origem remota e incerta, com tradições nômades, os ciganos estão presentes na Europa desde o século XIV.

Algumas fontes apontam a Índia como berço dessa cultura, tendo em vista as similaridades de linguagem. Outros estudos levantam a hipótese de as origens se situarem no Oriente Médio, pela tradição monoteísta que os aproxima dos povos semitas. Nesse caso, uma possibilidade é que eles tenham surgido na antiga Caldeia, atual Iraque. O fato é que as tradições de nomadismo os fizeram chegar à Europa no século XIV, por meio de rotas que atravessavam a região do Cáucaso ainda na Idade Média. Séculos mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, 400 mil ciganos foram mortos nesse conflito.

Atualmente, a população cigana mundial é estimada entre 2 e 5 milhões de pessoas, em sua maioria habitando países da Europa Central, como República Tcheca, Eslováquia, Hungria, Sérvia, Bulgária e Romênia. Suas influências culturais estão presentes em praticamente todos os continentes.



• Comunidade cigana em Biertan, Romênia, 2017

## Lapões ou sami

Também chamados de sami ou ainda saami, os lapões correspondem a uma etnia nativa antiga, considerada o último povo indígena do continente. Sua cultura difere da dos demais povos nórdicos. Desde tempos muito remotos, os lapões migram durante o verão para as áreas costeiras. Uma marca característica desse grupo é a criação de renas, mamíferos de grande porte parentes dos alces e dos cervos. Na atualidade, estima-se que os lapões correspondam a cerca de 100 mil pessoas, distribuídas principalmente entre as porções mais setentrionais da Finlândia, Noruega, Suécia e Rússia. A superfície da Lapônia, território tradicional desse povo, localiza-se no interior da Zona Polar Ártica, portanto ao norte do Círculo Polar Ártico. Tem cerca de 388 mil km<sup>2</sup> e abrange partes dos quatro países mencionados. Os sami utilizam-se de um grupo de dialetos que se correlacionam entre si, da mesma família linguística dos demais idiomas nórdicos ou da Europa Oriental, como finlandês, estônio e húngaro.

Pelos registros das glaciações antigas e, principalmente, por sua importância antropológica e cultural, parte da Lapônia, situada no norte da Suécia, foi tombada como Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 1996. Os lapões são uma das últimas sociedades que realizam a transumância, isto é, a migração sazonal influenciada pela atividade pastoril, de modo que é a única população europeia que apresenta modo de vida seminômade e tradições a ele associadas.

A população sami conquistou um importante passo para a garantia de direitos fundamentais, entre os quais a conservação de sua cultura e de seu modo de vida, em 1995, com modificações ocorridas na constituição finlandesa. Tais mudanças, que entraram em vigor a partir de 2000, reconheceram o estatuto dos sami como uma população indígena, com o direito assegurado de conservar e desenvolver sua própria língua e cultura. Quatro anos antes, o novo parlamento do povo sami, o *Sámediggi*, foi formado com base em decreto parlamentar, de modo que representasse os interesses dessa nação. O parlamento, cujos componentes são eleitos pela própria população sami a cada quatro anos, é formado por 21 deputados, além de quatro substitutos. Cabe ao *Sámediggi* administrar em favor da cultura e das organizações de seu povo, bem como destinar adequadamente as verbas asseguradas pelo orçamento do governo finlandês.



• Indivíduo sami alimenta suas renas em Tromsø, Noruega, 2018

• Paisagem da Lapônia, desde 1996 tombada como Patrimônio da Humanidade pela Unesco, no norte da Suécia, 2017





## Organize as ideias

1. Quais são as quatro grandes regiões do continente europeu de acordo com a ONU? Escreva uma breve caracterização de cada uma delas nas linhas abaixo.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

2. No mapa da Europa a seguir, demarque, de modo aproximado, os territórios dos respectivos povos indicados na legenda e registre quais são os principais países em que tais populações se localizam.

### Europa: populações minoritárias



Fonte: IBGE. Atlas geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 32. Adaptação. [5 Gabarito.](#)

## ► União Europeia e a questão migratória

O aumento dos fluxos migratórios internacionais tendo a Europa como destino tem suscitado uma série de controvérsias e problemas de ordem social, política e econômica nos países europeus. Dessa forma, um dos maiores desafios enfrentados atualmente pela União Europeia é a questão migratória.

Na ordem global pós-Guerra Fria, os fluxos migratórios internacionais se intensificaram. Afinal, as discrepâncias no desenvolvimento socioeconômico dos países são significativas e a questão do desemprego tem se tornado um grande desafio político-social. Além disso, as distâncias entre povos e lugares foram relativamente “encurtadas” pelo aperfeiçoamento das redes de transporte e informações. Vejamos a seguir os principais aspectos dessa questão no âmbito da União Europeia.

### Boas-vindas no pós-guerra

Após a Europa ter emitido consideráveis fluxos migratórios em direção à boa parte do mundo entre os séculos XVI e XIX, quando vigorou o colonialismo europeu nos demais continentes, o século XX trouxe substanciais mudanças no sentido dessas migrações. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, havia na Europa grande demanda por mão de obra para trabalhar na reconstrução dos países devastados por bombardeios e confrontos de tropas. Com o impulso financeiro representado pelo **Plano Marshall**, a reconstrução europeia no pós-guerra se tornou viável, em grande parte, com significativa contribuição de trabalhadores estrangeiros. Para isso, as antigas metrópoles europeias adotaram políticas de incentivo à vinda de imigrantes do mundo periférico como um todo – sobretudo das colônias ou ex-colônias mais recentes, em especial africanas e asiáticas.

O Reino Unido, por exemplo, contou com grandes contingentes de trabalhadores de Índia e Paquistão (que integravam sua principal colônia na Ásia). A França fazia o mesmo em relação a argelinos e marroquinos oriundos da África Ocidental Francesa. Países que não dispunham de domínios coloniais, como a Alemanha e a Itália, recorreram a Estados próximos, como a Turquia, no primeiro caso, e países do norte da África, como a Líbia, no segundo.

● **Plano Marshall** – Programa de recuperação europeia lançado em 1947 pelo secretário de Estado norte-americano George C. Marshall, com o objetivo de reconstruir, com a ajuda financeira dos Estados Unidos, a economia da Europa Ocidental arruinada pela Segunda Guerra Mundial. Executado no período 1948-1951, o programa abrangeu dezesseis países [...]. Os maiores beneficiados foram a Inglaterra (24%), França (20%), a Alemanha Ocidental (11%) e a Itália (10%). [...] Mesmo após 1952, [...] a ajuda norte-americana prosseguiu para atender a problemas de balanço de pagamentos e de escassez de dólares. Idealizado e executado no auge da guerra fria, [...] o Plano Marshall, além de reconstituir e desenvolver o aparelho produtivo europeu, abriu caminho para a penetração do capital norte-americano na Europa e serviu de obstáculo à expansão comunista na região, particularmente na Itália e na França. Paralelamente, processou-se o rearmamento da Europa Ocidental.

SANDRONI, Paulo. *Dicionário de economia do século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

©Shutterstock/RockerStockier



● Comunidade turca celebra o Dia do Trabalho em Berlim, capital da Alemanha, 2013



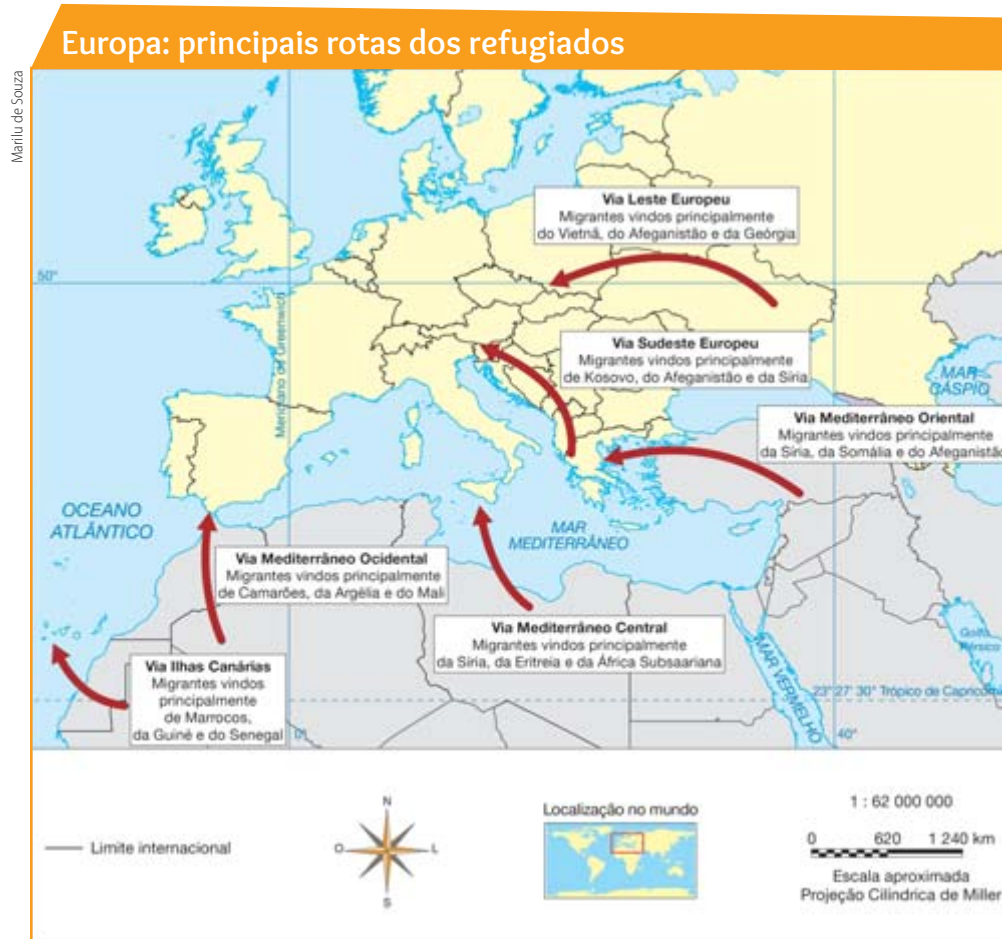
## Hostilidade nos novos tempos

A partir principalmente dos anos 1990, com o término da Guerra Fria, o cenário europeu mudou de modo substancial e isso se refletiu na questão das migrações. Nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, os países europeus, e o mundo de forma geral, cresceram em ritmo forte, gerando empregos e demandando mão de obra. No final do século XX, com as economias plenamente recuperadas, o ritmo de crescimento passou a ser bem mais baixo, e o desemprego começou a entrar no rol de preocupações das famílias do continente. Nesse contexto, a imagem dos migrantes mudou e, para alguns setores mais conservadores, representava concorrência profissional e ameaça cultural. A **xenofobia** ficou cada vez mais evidente em toda a Europa.

Como se observa no mapa abaixo, boa parte dos fluxos migratórios que se dirigem para o continente europeu é composta de pessoas oriundas de países pobres ou que enfrentam conflitos, como Afeganistão e Síria, na Ásia, ou Eritreia, Somália e Sudão do Sul, na África. Somente a Guerra da Síria já provocou a chegada em solo europeu de um contingente estimado em 1 milhão de refugiados, desde o início do conflito, em 2011.

6 Sobre o total de refugiados da Guerra da Síria.

Conforme a definição do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), **xenofobia** significa "Atitudes, preconceitos e comportamentos que rejeitam, excluem e frequentemente difamam pessoas, com base na percepção de que eles são estranhos ou estrangeiros à comunidade, sociedade ou identidade nacional". Em síntese, é um sentimento de medo ou ódio por estrangeiros ou mesmo por pessoas da própria nacionalidade que, por algum motivo, possam ser consideradas "estranhas". Frequentemente, manifestações de xenofobia vêm acompanhadas de racismo e nacionalismo radical.



Fonte: DW. ONU e UE registram recordes em fluxo migratório às fronteiras europeias. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/onu-e-ue-registram-recordes-em-fluxo-migrat%C3%B3rio-%C3%A0s-fronteiras-europeias/a-18656890>>. Acesso em: 8 nov. 2018. Adaptação.

## Migrações intracontinentais

Ao fluxo de imigrantes de outros continentes, somam-se ainda os fluxos de migração intracontinental, isto é, entre países da própria Europa. A partir da década de 1990, a expansão do bloco econômico europeu (União Europeia) tornou mais heterogênea a composição socioeconômica da população do bloco, bem como da dimensão das economias e de seus avanços tecnológicos e industriais. Isso se aprofundou ainda mais com o ingresso de países do Leste Europeu à União Europeia em 2004 e 2007, o que estimulou o deslocamento de contingentes migratórios oriundos dos países do antigo bloco socialista se dirigindo para as principais potências da Europa Ocidental e Setentrional, principalmente. Entre estas, tornou-se notório o caso recente do Reino Unido, em que o tema da migração intracontinental figurou entre as discussões mais polêmicas que levaram ao referendo de separação quanto à União Europeia em 2016, conhecido como *Brexit* – junção das palavras em inglês para britânicos (*British*) e saída (*exit*). [7] *Atualização da situação do Brexit.*

### Olhar geográfico

Para resolver as questões 1 e 2, compare as tabelas a seguir.

MAIOR NÚMERO DE IMIGRANTES (2015)	
País	Imigrantes
Alemanha	12 milhões
Rússia	11,6 milhões
Reino Unido	8,5 milhões
França	7,7 milhões
Espanha	5,8 milhões
Itália	5,7 milhões
Ucrânia	4,8 milhões
Cazaquistão	3,5 milhões

IMIGRANTES EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO ABSOLUTA (2015)	
País	Imigrantes
Luxemburgo	45,9%
Suíça	29,6%
Áustria	17,4%
Suécia	16,9%
Irlanda	15,8%
Letônia	15,8%
Alemanha	14,5%

Fonte: NGUYEN, Duc-Quang. *Que país acolhe mais imigrantes?* Disponível em: <[https://www.swissinfo.ch/por/sociedade/série-migração-parte-2-\\_qual-país-acolhe-mais-imigrantes/42441030](https://www.swissinfo.ch/por/sociedade/série-migração-parte-2-_qual-país-acolhe-mais-imigrantes/42441030)>. Acesso em: 22 jan. 2019.

1. De modo geral, que características socioeconômicas apresentam os países que contêm o maior número de imigrantes na Europa?
2. Como se explica o fato de que a Alemanha, embora tenha o maior número de imigrantes entre os países europeus, seja apenas o 7º com maior percentual de imigrantes no continente? E por que a Federação Russa, o Reino Unido, a França e os demais que estão entre os sete países que apresentam o maior número de imigrantes na Europa sequer aparecem na segunda tabela?
3. Compare o mapa da rota dos refugiados rumo à Europa (página 37) com o mapa das barreiras à entrada de imigrantes e refugiados na Europa (2015 e início de 2016), presente na página 4 do **material de apoio**. Em seguida, faça o que é solicitado abaixo.
  - a) Que relação há entre as áreas destacadas nos dois mapas?
  - b) Cite a localização de três das barreiras impostas aos imigrantes e refugiados.

[8] **Gabarito.**



## Vida de migrante na Europa

A chegada de levas de imigrantes à Europa a partir de 2013 passou a ser conhecida como crise migratória ou, ainda, crise de refugiados no Mediterrâneo. Eles são originários principalmente do Oriente Médio (sobretudo em fuga da guerra civil na Síria), do Afeganistão e da África Subsaariana. Suas principais rotas de migração, conforme é possível constatar no mapa da página 37, cruzam o Mar Mediterrâneo. Mais especificamente, são três as principais passagens: o Mar Egeu, entre a Grécia e a Turquia, as ilhas de Lampedusa e Sicília, no sul da Itália, e o Estreito de Gibraltar, entre Espanha e Marrocos.

Com a vinda à Europa, o objetivo da maioria dos refugiados e imigrantes é alcançar os países com melhores condições econômicas, como França, Alemanha e Reino Unido. Um primeiro obstáculo é imposto por cercas e muros, na fronteira da Turquia e da Bulgária com a Grécia, erguidos em 2012, bem como da Hungria com a Croácia e com a Sérvia, em 2015.

Estima-se que entre 750 mil e 800 mil imigrantes ingressaram na Europa no ano de 2015. Entre a pressão de grupos e partidos ultraconservadores de um lado e o clamor da urgência do acolhimento do outro, governos como o da Alemanha e o da Suécia estabeleceram cotas de atendimentos aos inúmeros pedidos de asilos. Diante das centenas de milhares de pessoas que chegavam ao continente europeu, tais iniciativas foram consideradas muito modestas para alguns e muito ousadas para outros.

Em 2016, um acordo com a União Europeia definiu a permanência de migrantes na Turquia, em troca de ajuda financeira ao país. Com o fechamento da rota pela região dos Bálcãs, na Europa Oriental, o número de migrantes que chegaram à Europa em 2016 reduziu para menos de 400 mil. Até a metade de 2017, a rota marítima para a Itália desde a Líbia passou a ser a principal via para o acesso à Europa.



• Embarcação *Aquarius* atraca no porto de Marselha, França, 2018

Em 2018, a embarcação humanitária *Aquarius*, transportando cerca de 600 migrantes vindos da África, foi impedida de atracar em porto italiano, sendo forçada a aportar na França.

Medidas extremas como essas têm sido implantadas ou sofrem pressão principalmente em países em que discursos nacionalistas e anti-imigração vêm alçando o poder, o que gera tensões. Mesmo os imigrantes que conseguem obter a documentação para permanência, não raro, enfrentam dificuldades para integração social e econômica na sociedade local.

Situação mais precária é a dos imigrantes clandestinos, ou que tentam permanecer na ilegalidade, sem acesso ao mercado de trabalho formal e, portanto, vulneráveis a violações de direitos trabalhistas. Para a maioria desses imigrantes, no entanto, mesmo as condições mais precárias de vida na Europa apresentam melhores perspectivas do que a vida que levavam em seus países de origem.

A presença de imigrantes no mercado de trabalho ocorre também em setores especializados, assim como em cargos de alta qualificação. A atração de trabalhadores altamente qualificados produz efeito positivo sobre a produtividade do trabalho nos países hospedeiros. Já os países que veem sua mão de obra mais produtiva integrar outro mercado, após se formar muitas vezes em instituições governamentais, sofrem o fenômeno denominado “fuga de cérebros”.

Já foi estudado que muitos países da Europa integram o Espaço Schengen, que permite a livre circulação de pessoas entre os signatários, sem necessidade de passaporte. Dessa forma, as regras para acolher imigrantes tornaram-se uma questão política comum a esses países. Uma vez admitido por algum país signatário, é fácil para o imigrante se deslocar aos demais. A criação de critérios coletivos para a aceitação ou não de imigrantes e o estabelecimento de limites para as imigrações, portanto, são temas que frequentemente geram controvérsias entre os países europeus.

## Organize as ideias

No mapa político da Europa a seguir, faça o que é solicitado.



Fonte: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 32. Adaptação.

- Com setas, indique as principais passagens por onde entram os migrantes desde o Mar Mediterrâneo, utilizadas principalmente na primeira metade da década de 2010.
- Pinte com a cor verde três países que representam os destinos mais almejados pelos refugiados e migrantes econômicos que chegaram à Europa nesse período.
- No mapa, sublinhe algumas áreas de fronteiras ou de costas em que se ergueram cercas ou se intensificou o controle para conter ondas migratórias.

9 Gabarito.



## Migração e a questão demográfica

Uma das questões que tornam o tema das migrações ainda mais controverso na Europa é a situação demográfica vivida por diversos países do continente. Como já foi visto, a maioria dos países europeus apresenta baixas taxas de natalidade. O crescimento vegetativo, índice que considera apenas a diferença entre nascimentos e óbitos, está próximo de zero na maioria dos países do continente e, em alguns casos, até negativo. Isso significa que há países em que os nascimentos de novos cidadãos são insuficientes para repor os falecimentos. Portanto, sem fluxos migratórios que compensem a redução da população nativa, essas populações tendem a envelhecer, ter seu contingente demográfico cada vez menor e apresentar queda da população em idade ativa para o trabalho e, consequentemente, queda no pagamento de impostos e nas contribuições previdenciárias.

A vinda de trabalhadores em idade ativa, capazes de ofertar serviços, dinamizar mercados, gerar renda e ampliar a arrecadação tributária nos países onde atuam, auxilia na busca de melhor equilíbrio nas contas públicas. Dessa forma, a imigração representa uma solução imediata para a superação do impasse demográfico decorrente do envelhecimento da população do continente.

Essa situação impacta diretamente o sistema previdenciário europeu, pois, além do baixo índice de natalidade, a expectativa de vida ao nascer tem aumentado. O custo dos benefícios sociais oferecidos aos aposentados costuma ser elevado, em especial nos países mais desenvolvidos, onde se vive mais. O número de idosos que depende de tais benefícios é cada vez maior para um número proporcional cada vez menor de trabalhadores em idade ativa para recolher impostos e sustentar o sistema previdenciário. Esse cenário que se apresenta traz algumas preocupações e suscita grandes discussões em torno de propostas como reformas previdenciárias, migração e incentivos a casais para que tenham mais filhos.



• Manifestantes protestam contra medidas de austeridade relativas a questões trabalhistas, entre as quais as que se referem à política previdenciária, em Bruxelas, Bélgica, 2014

### Hora de estudo

#### 1. Como a questão migratória europeia interferiu no *Brexit*?

A política migratória adotada pela União Europeia tem sido alvo de controvérsias entre o bloco e o Reino Unido. Dessa forma, o tema da imigração e da proteção de fronteiras se tornou central nos debates que antecederam o referendo que aprovou a saída do país do bloco da União Europeia, em 2016.

---

---

---

2. Considere a situação demográfica da Europa para explicar a questão da imigração e do mercado de trabalho no continente.

O declínio das taxas de natalidade fez com que o crescimento vegetativo em muitos países europeus tenha se tornado próximo a zero ou até negativo (situação em que a população diminui, pois morrem mais pessoas do que nascem). Com o aumento da longevidade dos europeus, a alternativa mais imediata a fim de garantir a reposição da força de trabalho necessária para impedir o colapso do sistema previdenciário é a entrada de imigrantes em idade ativa.

3. Quais são os principais motivos e quais são as principais procedências das levas migratórias que chegaram à Europa entre 2011 e 2016?

As principais causas das recentes migrações à Europa, principalmente por meio do Mediterrâneo, são: crises humanitárias relacionadas a guerras civis, fome, perseguições religiosas e políticas e outras formas de violação de direitos humanos, além da desesperança em relação à melhoria de vida ou mesmo de subsistência. Países do Oriente Médio (Síria, Afeganistão, Iraque) e da África Subsaariana (Eritreia, Sudão, Sudão do Sul, Somália, Mali) são os principais países de origem dessas migrações.

4. Observe as imagens a seguir.

©Shutterstock/Aidin Kamber



- Manifestantes na Bósnia e Herzegovina seguram cartaz onde se lê “Imigrantes, voltem para casa”. Foto de 2018



©Shutterstock/Giannis Papanikos

- Agente da ONU conversa com refugiados na fronteira da Macedônia com a Grécia, que aguardam por abertura de passagem na Grécia. Foto de 2015

Apresente alguns dos principais obstáculos ou desafios enfrentados pelos imigrantes em solo europeu na atualidade.

Longas jornadas, por vezes barrados por cercas e áreas ostensivamente controladas, exposição às variações e aos extremos meteorológicos do continente; enfrentamento de situações de insultos e agressões, como manifestação de xenofobia, por parte da população e de algumas administrações, permanências em abrigos ou acampamentos provisórios, muitas vezes sem suprimentos suficientes e, por fim, expulsão para outras regiões ou deportação a seu local de origem. Incentive os alunos a responder com base nas impressões que tiveram observando as imagens apresentadas.

5. Em 2016, Turquia e União Europeia estabeleceram um acordo a respeito dos milhares de migrantes e refugiados que chegaram à Europa nos últimos anos. O que define esse acordo?

Em troca de envio de remessas financeiras da União Europeia, a Turquia passa a receber migrantes sistematicamente expulsos dos Estados membros do bloco europeu, fato que é considerado como uma das causas para a grande redução no número de imigrantes que chegaram à Europa a partir de 2016.



## Identidade e modernidade na Oceania

Os aspectos exclusivamente demográficos do continente foram trabalhados no volume 91, quando foi realizada uma caracterização básica dele. Este capítulo, por sua vez, concentra-se na análise de aspectos socioculturais da Oceania.

A Oceania, por ter sido o último dos continentes a ser visitado e, posteriormente, colonizado pelas potências da Europa, ganhou o apelido de “novíssimo continente”. Em meados do século XVIII, o lendário navegador James Cook foi o primeiro europeu de que se tem registro a avistar a costa australiana e diversas ilhas do Oceano Pacífico.

Desde então, as demais regiões do mundo passaram a conhecer e, por vezes, surpreender-se com as culturas e as paisagens da Oceania, assim como os elementos exóticos de sua fauna e flora. De acordo com seus conhecimentos sobre a Oceania, que características diferenciam esse continente em relação aos demais?



• Ilhas Yasawa, Fiji, 2018



• Dança dos nativos do Estreito de Torres, povo que habita a região do Estreito de Torres, localizado entre a Austrália e a Papua Nova Guiné, 2019

1 Sugestões de resposta.

## Objetivos

- Identificar os Estados que constituem a Oceania, seu *status* político e distribuição.
- Compreender a rica diversidade cultural e étnica presente nos territórios da Oceania.

Como a superfície de um continente é medida pela extensão de suas terras, a Oceania é considerada o menor de todos. Somadas, as áreas emersas totalizam cerca de 8,5 milhões de km<sup>2</sup>, aproximadamente a área do Brasil. Contudo, a diversidade das paisagens naturais e culturais dispersas em inúmeras ilhas de reduzida população chama a atenção de pesquisadores e visitantes de diferentes partes do mundo. A variedade dos componentes dos espaços geográficos da Oceania, como a demografia, a economia e as questões ambientais, constitui o tema a ser explorado neste capítulo.

## Países e ilhas: as sociedades da Oceania

Conforme tratado no capítulo 4, os territórios que formam a Oceania são: Austrália, Nova Zelândia e três grandes conjuntos de países insulares, compostos de inúmeros arquipélagos. Estes são denominados Melanésia (na qual se sobressai Papua Nova Guiné pelo tamanho territorial), Micronésia e Polinésia.

A autonomia política ou independência de alguns dos países da Oceania é recente. Muitos arquipélagos, no entanto, ainda correspondem a territórios ultramarinos, cuja posse territorial remonta à exploração das águas do Pacífico Sul, em especial ao longo do século XVIII. Territórios ultramarinos não apresentam independência política, embora possam ter conquistado determinada autonomia em relação ao governo central de quatro Estados da União Europeia: Dinamarca, França, Países Baixos e Reino Unido. Os territórios ultramarinos são dependentes constitucionalmente desses países. Seus habitantes são considerados cidadãos europeus, ainda que os territórios não façam parte da Europa nem integrem a União Europeia. A título de exemplo, a Guiana Francesa, que faz fronteira com o Amapá, ao norte do Brasil, também é um território ultramarino francês. Nesse sentido, seu *status* político se assemelha ao da Polinésia Francesa, arquipélago onde se localiza, entre outras, a ilha paradisíaca do Taiti.

Na Oceania, Austrália, Nova Zelândia e outros nove Estados são integrantes da *Commonwealth*. Trata-se de uma associação ou organização intergovernamental de cooperação de valores e objetivos comuns, predominantemente formada por ex-colônias do Reino Unido e que, em sua maioria, tem a monarca britânica, de forma representativa, como sua rainha.



• Vista aérea do Parlamento de Kiribati (membro da *Commonwealth*), em Tarawa, capital do país

©Shutterstock/Maloff



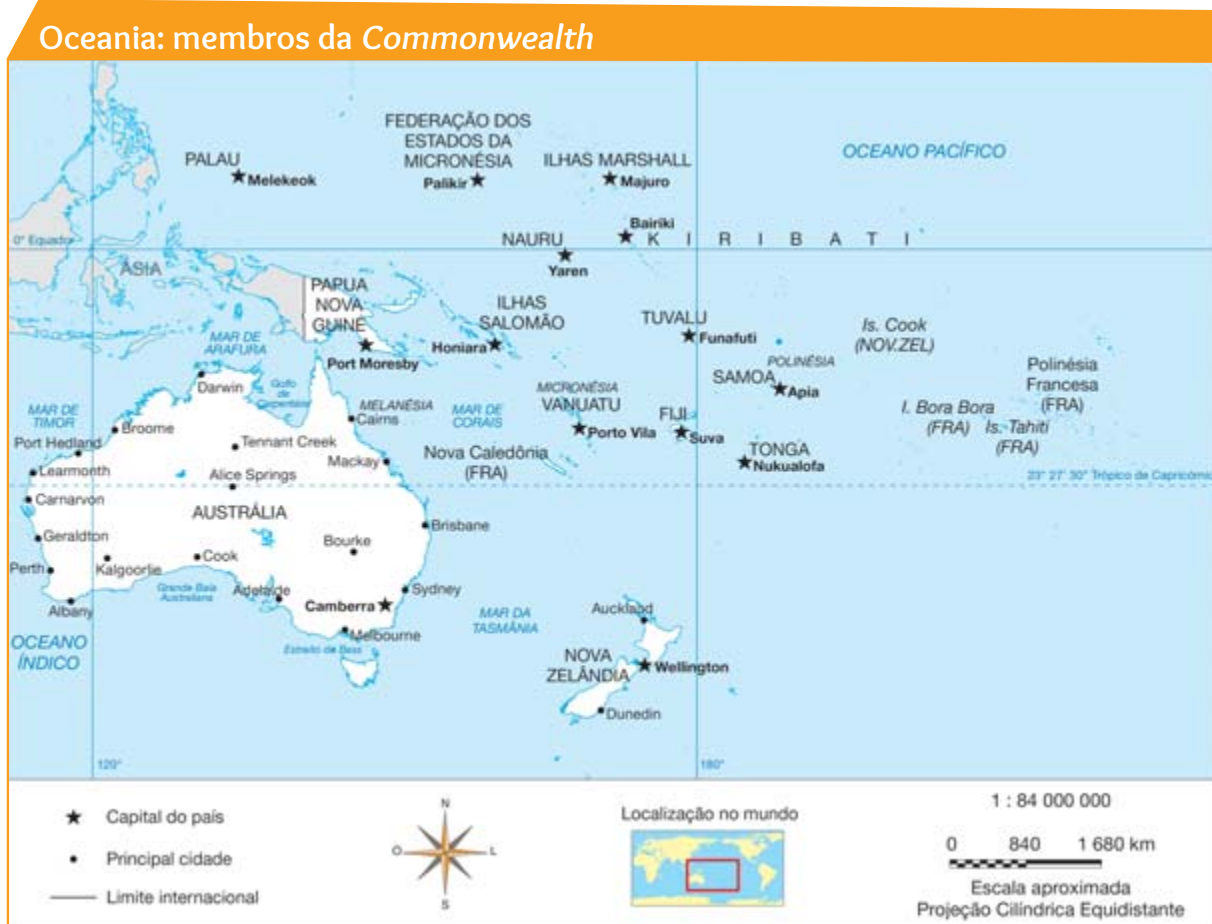
Monarquias parlamentares e repúblicas, tanto presidencialistas quanto parlamentaristas, são as formas de governo presentes em quase todos os países da Oceania. Nas monarquias parlamentares atuais, o poder de reis e rainhas é bastante limitado, uma vez que o parlamento, que dirige o Poder Legislativo, regula o funcionamento do Estado e também as atribuições do monarca. A chefia do governo cabe ao primeiro-ministro, enquanto o chefe de Estado é o monarca, incumbido de representar o país em protocolos e cerimônias. Essa forma de governo ocorre na Austrália, Nova Zelândia, Papua Nova Guiné, Ilhas Salomão e Tuvalu.

Já as repúblicas presidencialistas são governadas por presidentes que são, ao mesmo tempo, chefe de governo e chefe de Estado. É o que ocorre, por exemplo em Palau, arquipélago da Micronésia. Nas repúblicas parlamentares, como no caso de ilhas Fiji, Samoa e Vanuatu, o presidente, na condição de chefe de Estado, não tem todas as atribuições do Poder Executivo, pois parte desses poderes cabe ao primeiro-ministro.

## Cartografar

2 Orientação para a atividade.

1. Mesmo politicamente independentes, 11 países da Oceania fazem parte da *Commonwealth*. No mapa a seguir, localize esses países. Para isso, circule-os.



Fonte: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 32. Adaptação.

2. O que vem a ser a *Commonwealth*?

---



---

## Austrália



Os dois países da Oceania com maior projeção internacional, Austrália e Nova Zelândia, têm uma condição consolidada como países desenvolvidos socioeconomicamente. Na Austrália, além da abundância de recursos minerais, a atividade industrial se destaca em diversos setores. Para abastecer seu parque industrial, a maior parte da eletricidade é gerada por termelétricas, em especial pela queima de carvão mineral e gás natural. É crescente, contudo, o uso de outras fontes de energia, como a hídrica, a eólica e a solar, por causa de preocupações ambientais.

Por conta principalmente das características ambientais, a população australiana se distribui de modo bastante irregular pelo território. No *Outback*, como é conhecida a vasta e árida região do interior australiano (conforme vimos no volume 2 deste ano letivo), a principal atividade econômica corresponde à pecuária, em geral extensiva, baseada na criação de ovinos e bovinos.

As grandes cidades, por sua vez, concentram boa parte do capital econômico do país, o que se reflete, por exemplo, na bolsa de valores de Sydney, cidade marcada por sua notável arquitetura. Melbourne, Adelaide e Perth são cidades menos conhecidas, mas que frequentemente figuram na lista das dez melhores do mundo em qualidade de vida, medida pelo Índice de Desenvolvimento Humano municipal (IDH-M), uma adaptação do IDH para as realidades locais.

Canberra, capital australiana, conta com cerca de 400 mil habitantes, sendo, portanto, bem menos populosa do que Sydney e Melbourne. A capital foi planejada e construída no início do século XX, com a população começando a se estabelecer em 1925. Atualmente, Canberra é uma das principais referências de cultura e educação superior na Oceania.

## Nova Zelândia

Apesar da pequena extensão de seu território, a Nova Zelândia é uma grande produtora agropecuária. Isso se deve principalmente às condições climáticas favoráveis, bem como ao uso de técnicas modernas nessa atividade. Nesse país, a principal criação é a de ovinos.

O espaço rural neozelandês vem revelando nas últimas décadas outra atividade econômica não apenas rentável, mas também sustentável: o turismo. As contrastantes paisagens, tanto da ilha do Sul quanto da ilha do Norte, são constituídas de campos, bosques, cascatas, *canyons*, montanhas nevadas, vulcões e geleiras, além de uma costa com fiordes, vales glaciais profundos e antigos que foram parcialmente submersos pelas águas oceânicas.

Como no caso das principais cidades australianas, as neozelandesas, como Auckland (a mais populosa) e Wellington (capital do país), também se sobressaem pela qualidade de vida e pelo desenvolvimento de pesquisas e projetos de sustentabilidade urbana.



• Casa de Ópera de Sydney, ou Teatro de Sydney, um dos edifícios arquitetônicos mais admirados do mundo, em Sydney, Austrália, 2019

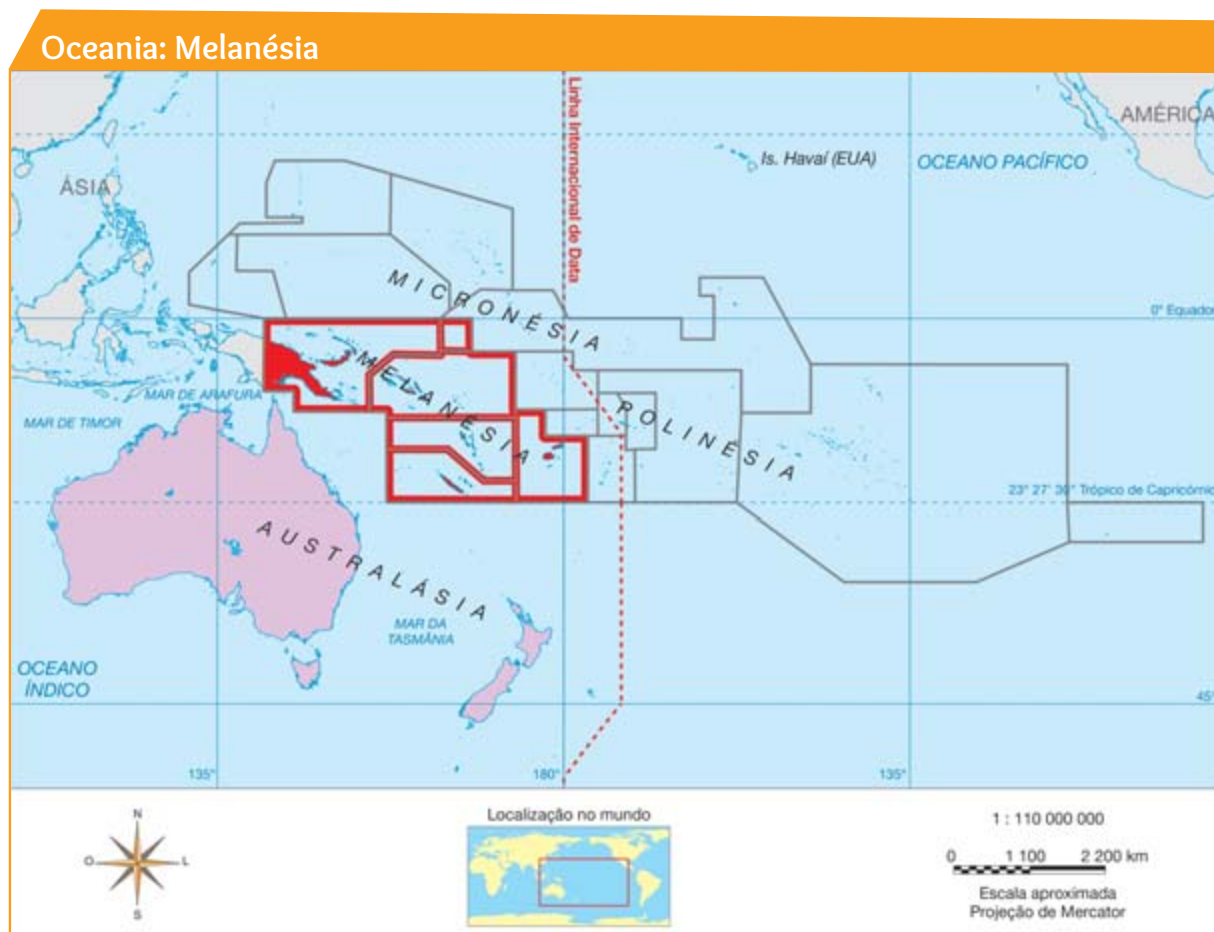


• Ovelhas pastam em Wanaka, Nova Zelândia, 2018



## Melanésia

Diversos arquipélagos constituem a Melanésia. Entre os mais destacados estão a Papua Nova Guiné e as demais ilhas que lhe pertencem (como a Nova Bretanha e a Nova Irlanda), as ilhas Salomão, Vanuatu e Fiji, além da Ilha de Nova Caledônia, pertencente à França. Esta última, com extensa presença de recifes de coral e relevo montanhoso, é famosa por um conjunto de lagoas de alto valor turístico. Conhecidas como lagoas da Nova Caledônia, apresentam grande biodiversidade, incluindo algumas espécies ameaçadas de extinção, motivo pelo qual são consideradas patrimônio da humanidade pela Unesco. No entanto, a conservação desses recursos precisa ser devidamente regulada, pois uma das principais atividades econômicas da ilha é a exploração de suas minas de níquel.



Fonte: ATLAS National Geographic: oceania, polos e oceanos. São Paulo: Abril Coleções, 2008. v. 11. Adaptação.

É crescente a importância do turismo na composição do PIB dos países da Melanésia. Essa atividade se fortalece em virtude da presença de praias de águas transparentes e da variedade de formas de vida dos corais presentes em quase todas as ilhas, bem como das florestas e cachoeiras de Fiji. Se bem conduzidos, os ganhos com o turismo podem substituir as receitas obtidas com a mineração regional, que, além de tudo, se configura como atividade muito impactante.



• Noumea, capital da Nova Caledônia, território francês com relativa autonomia, 2017

## Papua Nova Guiné

A Papua Nova Guiné situa-se em uma ilha denominada Nova Guiné, a qual é dividida quase ao meio com a parte mais oriental da Indonésia. Essa fronteira internacional constitui também um curioso limite continental, uma vez que, enquanto o lado ocidental da ilha (pertencente à Indonésia) está na Ásia, o lado oriental (correspondente à Papua Nova Guiné) se situa na Oceania, sendo parte da Melanésia.

O país apresenta, proporcionalmente, uma das maiores populações rurais do globo. De cada 100 habitantes, 87 residem e trabalham no campo. A maior parte da população, de quase 8,5 milhões de habitantes, mora em áreas de planaltos e vales das montanhas do centro do país. Embora a principal cidade – que é também a sua capital –, Port Moresby, com pouco mais de 300 mil habitantes, localize-se no litoral, a população do país habita mais o interior montanhoso do que as planícies costeiras, diferentemente do que ocorre na maioria dos países do mundo.

Papua Nova Guiné é considerado o país com maior diversidade linguística no mundo, com mais de 800 línguas faladas em seu território. A maioria dessas línguas é falada por menos de mil pessoas, porém as mais populares têm mais de 200 mil falantes.

Outra fonte de riqueza do país é a biodiversidade. Densas florestas que se espalham das encostas das cadeias de montanhas ao litoral conservam diversas espécies de animais e plantas ainda não estudadas. Rios que descem das montanhas que cortam latitudinalmente a Ilha da Nova Guiné são vias naturais de acesso, bem como fontes de abastecimento de parte da população local há séculos, ou mesmo milênios. A Ilha da Nova Guiné é um dos raros locais no globo em que

caça, pesca e coleta se mantêm como atividades de subsistência para significativa parte da população. Contudo, a ameaça da expansão da atividade mineradora e madeireira pode mudar bruscamente tal modo de vida da população papuásia.

Produtos primários são as principais fontes de divisas da Papua Nova Guiné. Enquanto o setor mineral, com destaque para petróleo, cobre e ouro, responde pelo principal aporte financeiro, os setores agrícola e da silvicultura empregam a maior parte da população trabalhadora.

- Rios e florestas: fontes de recursos naturais da população papuásia



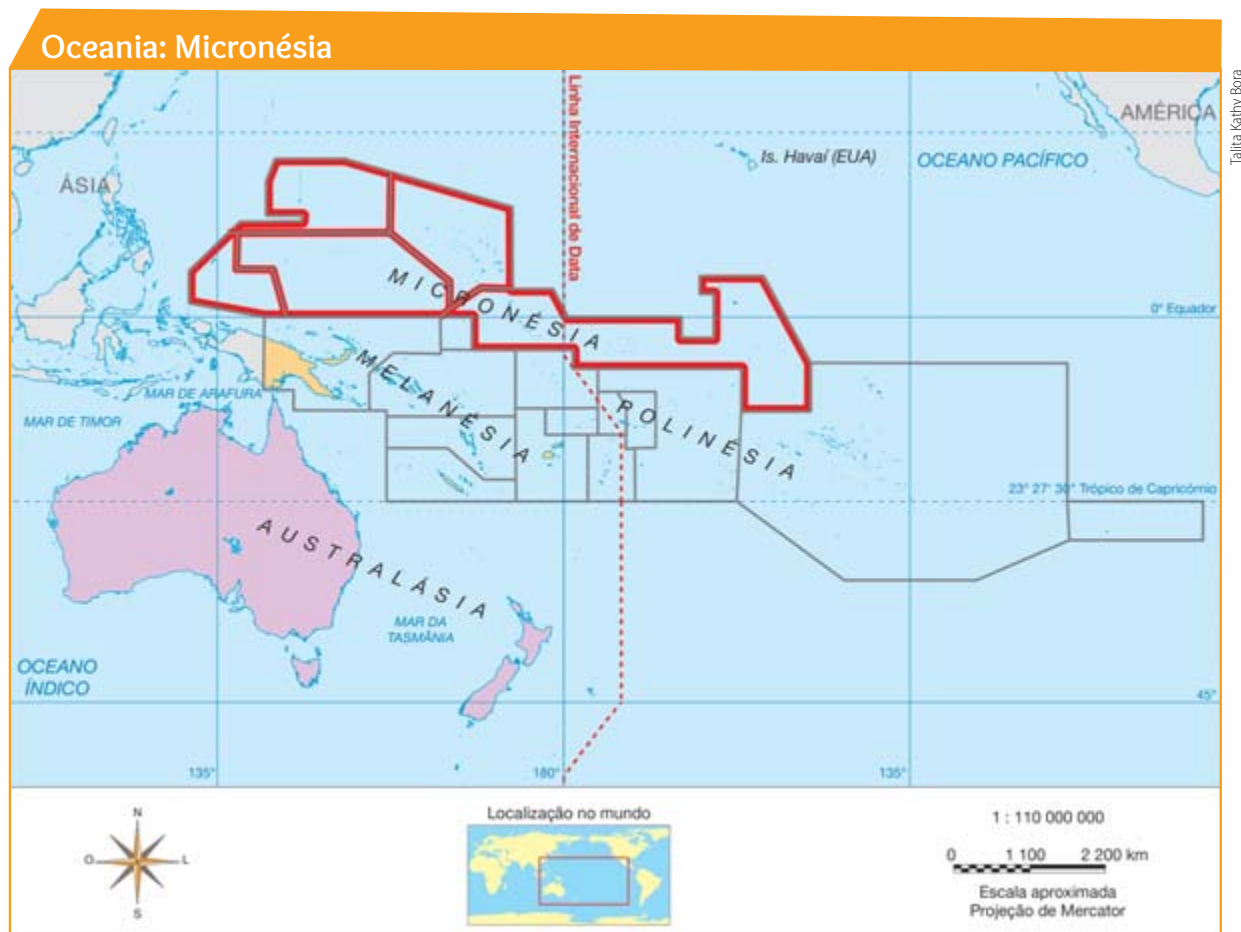
Fonte: ATLAS National Geographic: oceania, polos e oceanos. São Paulo: Abril Coleções, 2008. v. 11. p. 46. Adaptação.



## Micronésia

A grande quantidade de arquipélagos constituídos de pequenas ilhas é a característica básica que está associada à denominação Micronésia. São milhares de ilhas, a maioria das quais representando topos de montanhas submarinas, formando atóis. Nestes, as águas claras das lagoas internas contrastam com o azul-escuro das águas externas, por conta da profundidade repentina a que descem as encostas das ilhas. Diferentes espécies marinhas habitam os ecossistemas que ali se formam, representando, por tal motivo, áreas privilegiadas para a atividade esportiva e turística do mergulho submarino.

Nessa porção do Pacífico Ocidental, situam-se as Ilhas Marianas, pertencentes a Estados Unidos, Estados Federados da Micronésia, Palau, Kiribati e Nauru.



Fonte: ATLAS National Geographic: oceania, polos e oceanos. São Paulo: Abril Coleções, 2008. v. 11. Adaptação.

### Saiba +

A Ilha de Kirimati, no arquipélago de Kiribati, é o primeiro local no mundo a celebrar o *réveillon*, 16 horas antes de Brasília. Ocorre que esse conjunto de ilhas da Micronésia é atravessado pela Linha Internacional da Data (LID), traçado em sua maior parte sobre o meridiano de 180° ou antimeridiano, em 1884, com o objetivo de determinar a mudança do dia.

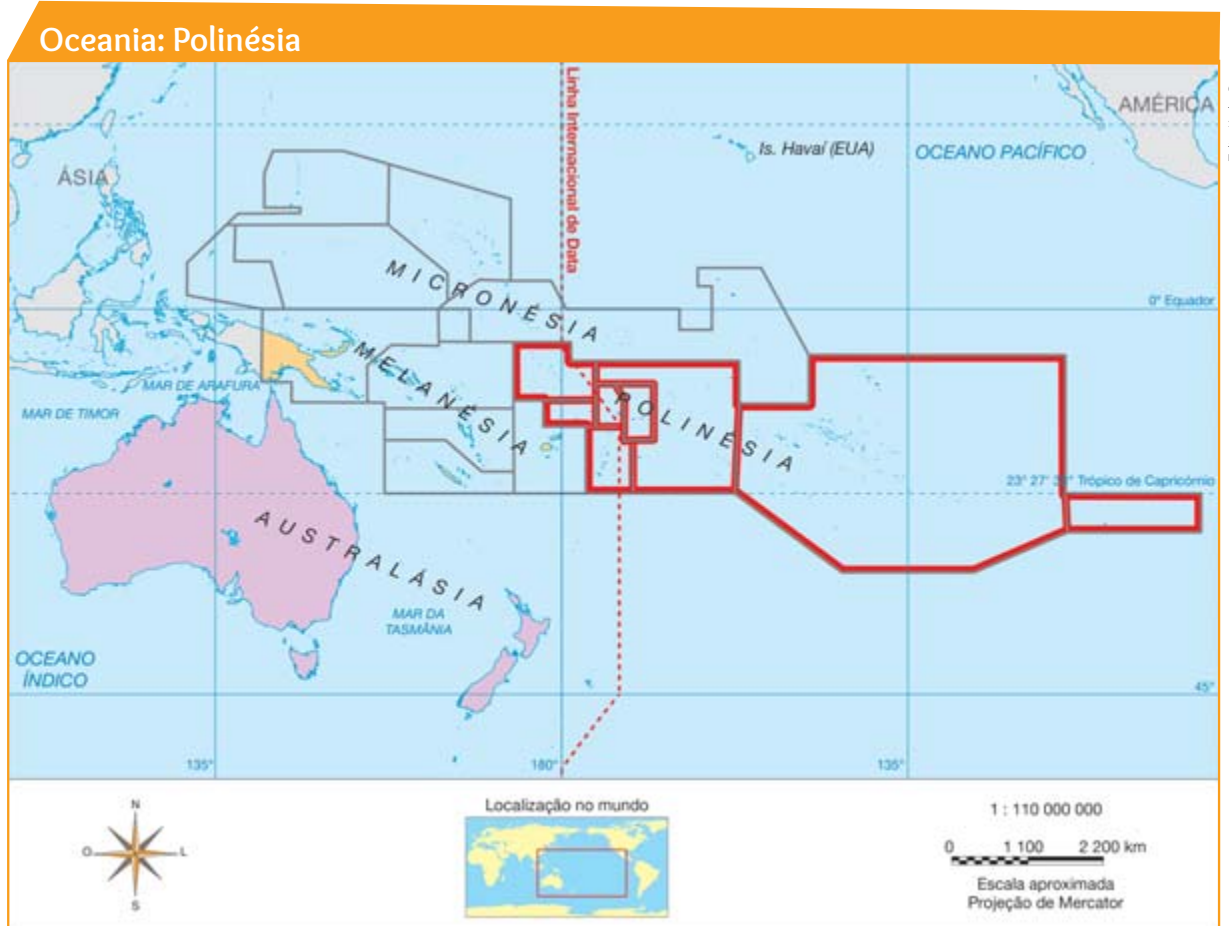


Alguns Estados da Micronésia buscam no turismo sua mais rentável atividade econômica, explorando principalmente as belezas dos recifes de corais e os elementos da cultura de suas populações nativas. Enquanto isso, outros, como Kiribati e Nauru, conforme analisado no capítulo 6, estão com parte de seus territórios ameaçada por diferentes impactos ambientais. Nesse aspecto, sobressaem-se os riscos relacionados com a mineração, como a erosão do solo, e as mudanças climáticas, como a subida do nível das águas oceânicas e a morte de corais.

A população da Micronésia, conforme estimativa das Nações Unidas para 2019, é de 535 mil habitantes, sendo a Ilha de Guam, localizada no arquipélago das Marianas, a mais populosa, com 167 mil moradores, enquanto Nauru, com apenas 11 mil, é a menos populosa.

## Polinésia

A denominação dessa região da Oceania se refere à numerosa quantidade de ilhas que ocupam a vasta região central e oriental do Oceano Pacífico. Compõem essa região da Oceania os arquipélagos de Tuvalu, Samoa e Tonga, que correspondem a estados independentes, além de Havaí, Samoa Americana e outras pequenas dependências dos Estados Unidos; Polinésia Francesa, Wallis e Futuna, pertencentes à França; Cook, Kermadec e outras dependências da Nova Zelândia; Pitcairn, dependência do Reino Unido, e as chilenas Juan Fernandez e Páscoa (ou Rapa Nui).



Fonte: ATLAS National Geographic: oceania, polos e oceanos. São Paulo: Abril Coleções, 2008. v. 11. Adaptação.

Das cerca de 2,1 milhões de pessoas que habitam a Polinésia, 1,4 milhão (ou seja, dois terços) é de havaianos, seguido pela Polinésia Francesa, com 280 mil habitantes, em que se destaca a Ilha do Taiti.

Além de mais populosos, os arquipélagos do Havaí e da Polinésia Francesa são os principais destinos de turistas. Como em tantas outras ilhas do Pacífico, as praias, montanhas vulcânicas, florestas e culturas populares locais são os principais atrativos ao turismo.

## Organize as ideias

Complete o quadro a seguir com o nome dos respectivos conjuntos de arquipélagos da Oceania.

Melanésia	Conjunto de arquipélagos localizados a nordeste da Austrália, onde se situa Papua Nova Guiné.
Micronésia	Conjunto de arquipélagos situados ao norte de Papua Nova Guiné, composto de milhares de atóis.
Polinésia	Conjunto de arquipélagos dispersos pelo Pacífico central e oriental.

## Povos da Oceania: entre a identidade étnica e a sociedade moderna

Assim como ocorre nos demais continentes, os países da Oceania apresentam grande variedade de etnias e culturas nativas. Essas identidades não impedem que esses mesmos países tenham desenvolvido sociedades modernas e prósperas, em alguns casos exibindo alto IDH, como vimos nos casos da Austrália e da Nova Zelândia. Nos tópicos a seguir, vamos analisar as identidades étnicas dos países da Oceania como um todo e suas relações com as sociedades modernas.

### Situação dos aborígenes australianos

Correspondendo a cerca de 3% da população australiana, os aborígenes são os habitantes originais desse extenso país. De acordo com registros arqueológicos, seus ancestrais chegaram ao território australiano há cerca de 50 mil anos, procedentes principalmente da Península da Indochina, das ilhas do Arquipélago de Sonda, que constitui a Indonésia, e da Ilha de Nova Guiné. Nesse período, o nível dos mares estava mais baixo e essas porções territoriais se interligavam. Recentes pesquisas envolvendo análises de genomas humanos suscitaram a possibilidade de ter ocorrido uma migração ainda anterior, entre 65 mil e 72 mil anos atrás, diretamente da África para a Austrália e Nova Guiné.

Os povos aborígenes, da mesma forma que os indígenas brasileiros, ou ameríndios, de modo geral, constituem uma multiplicidade com dezenas de culturas e idiomas. Estima-se que havia cerca de 400 etnias distintas habitando a Austrália no período da chegada dos colonizadores britânicos. Os idiomas mais conhecidos são *Pitjantjatjara Anangu*, no centro-sul do país, falado por 4 mil pessoas, *Arrernte*, mais ao norte, por quase 2 mil, e *Luritja*, com aproximadamente mil falantes.



• Performance de ator de origem aborígene no Parque Cultural Aborígene Tjapukai, em Smithfield, no estado de Queensland, Austrália, 2018



Atualmente, os aborígenes remanescentes ainda enfrentam uma série de desvantagens em relação à população australiana em geral. Vistos muitas vezes com preconceito, recebem em média salários que chegam a ser três vezes menores do que os dos brancos, apresentam estatísticas socioeconômicas muito inferiores e menos de 30% de sua população completou o nível superior de estudo.

Além dos ataques violentos e das doenças que vitimaram historicamente essas populações, a retirada forçada de crianças e jovens aborígenes de sua convivência familiar e comunitária marcou de modo severo os grupos nativos. A intenção era levá-los para as cidades, abrigados em instituições do governo, missões religiosas e orfanatos, onde seriam educados de acordo com os padrões ocidentais, preparados para o trabalho doméstico e para o casamento com pessoas de etnia europeia. Estima-se que mais de 100 mil crianças aborígenes foram submetidas a esse processo, entre 1910 e 1970. Elas ficaram conhecidas como a “geração roubada”. As leis discriminatórias que respaldavam essa situação vigoraram durante boa parte do século XX e só foram oficialmente abolidas na Austrália em 1972. Em 2008, o então primeiro-ministro australiano Kevin Rudd expressou pedido de perdão em nome do governo australiano pelos atos cometidos ao longo da história do país contra os aborígenes, como no caso dos roubos sistemáticos de crianças que produziram a “geração roubada”.

3 Sugestão de filme.

## Maoris e a identidade neozelandesa

Os maoris, povos que habitam a Nova Zelândia, chegaram pela primeira vez às terras neozelandesas em canoas de madeira entre os séculos IX e XIII, navegando pelas ilhas da Polinésia. Não há consenso sobre sua origem. Sua tradição guerreira impressionou os europeus nos contatos iniciais. O contato cultural dos maoris com os colonizadores britânicos não foi muito diferente do que envolveu os aborígenes na Austrália. Houve diversos enfrentamentos entre os colonizadores e as tribos maoris no século XIX, resultando na expressiva diminuição da população nativa.

• Dança maori em centro cultural na Nova Zelândia, 2017

Uma das tradições culturais comuns entre os maoris é o “moko”: uma tatuagem que cobre totalmente o rosto.



©Shutterstock/fotos593

A sociedade neozelandesa tem combatido o preconceito histórico disseminado contra os nativos maoris. Oficialmente, as leis da Nova Zelândia garantem direitos iguais a todos. No entanto, assim como ocorre com os aborígenes australianos remanescentes, os maoris têm maiores dificuldades para ascensão social, na maioria das vezes ocupando os empregos de menor remuneração.

Na atualidade, a população maori é de cerca de 15% do total dos neozelandeses. Com essa proporção relativamente alta de pessoas da etnia nativa, por toda a Nova Zelândia é possível perceber a presença de sua arte e suas tradições, inclusive na decoração de locais turísticos.



## Saiba +

Alguns ritos culturais maoris se tornaram símbolos nacionais neozelandeses. Possivelmente, o mais conhecido deles seja o *haka*, uma dança tribal de guerra, que passou a ser utilizada pelos *All Blacks*, a seleção de rúgbi da Nova Zelândia, que acumula uma trajetória de grandes conquistas internacionais nesse esporte.

Assim como ocorre no futebol, desde 1987 realiza-se, em um intervalo de quatro anos, a Copa do Mundo de Rúgbi. Os *All Blacks* venceram três vezes o torneio – até a oitava edição, realizada em 2015, quando foram novamente campeões. Embora o esporte esteja associado às tradições britânicas no país, ele é popular entre toda a população. Um dos maiores atletas de todos os tempos, o neozelandês Jonah Lomu, era de origem maori.



©Shutterstock/Roger Sedres

- Seleção de rúgbi da Nova Zelândia em jogo na cidade do Cabo, África do Sul, 2017

Antes de enfrentar seus adversários no rúgbi, os *All Blacks* (como é conhecida a seleção da Nova Zelândia) dançam o *haka* para intimidá-los.

## Culturas insulares

Os povos da Melanésia têm traços étnicos claramente similares aos dos aborígenes australianos, em especial por conta da pigmentação da pele e dos cabelos crespos. Em Papua Nova Guiné, além dos papuas, etnia mais numerosa da ilha, também são encontrados grupos de pigmeus na porção montanhosa do interior. Tal como os pigmeus africanos, esses também são caracterizados pela baixa estatura, sendo raro as pessoas terem mais de 1,50 m.

Nessa região, embora uma parcela da população, sobretudo nas regiões de maior atividade turística, habite cidades integradas ao mundo moderno globalizado, também há populações que vivem em tribos, divididas em diferentes clãs, preservando muitos de seus costumes ancestrais e modo de vida tradicional. Uma das etnias nativas mais numerosas é a dos huli, da Papua Nova Guiné, com cerca de 250 mil integrantes.

Os habitantes nativos da Micronésia se assemelham fisicamente aos da Polinésia. Nesta, entretanto, predominam povos de pele mais clara, que misturam elementos caucasoides, mongoloides e melanésios. Os polinésios, mais do que os outros, têm culturas bastante adaptadas ao oceano, desempenhando profissões como pescadores, navegadores e construtores navais. Seus antepassados, durante séculos, atravessaram as águas do Pacífico, colonizando inúmeras ilhas e espalhando sua cultura em toda a região.



©Shutterstock/John Crux

- Povos Huli em Mount Hagen, Papua Nova Guiné, 2011

Maurício Negro. 2018. Técnica Mista.

As ilhas que compõem o arquipélago de Fiji apresentam uma população multiétnica. Fijianos nativos, de origem melanésia ou polinésia, e indo-fijianos, os descendentes de indianos, dividem a maior parte da composição étnica do arquipélago. Com a ocupação britânica para exploração de recursos naturais, no século XIX, chegaram à Fiji indianos, principalmente mercadores da região de Gujarat. Chineses, europeus, em sua maioria britânicos, além de australianos e neozelandeses, complementam o mosaico étnico de Fiji.

Desse modo, os cerca de 900 mil habitantes se dividem no uso de diferentes línguas, como fijiano, hindi, inglês e rotumano. Este último é um idioma austronésio, ou seja, originado entre os povos das ilhas do Pacífico Sul, e é falado por nove mil pessoas, na Ilha de Rotuma.

As crenças religiosas também se dividem em Fiji: cristãos (principalmente metodistas), hinduístas e islâmicos apresentam o maior número de seguidores. Em meio a essa diversidade cultural, os fijianos cultivam diferentes tradições musicais, gastronômicas e artísticas. Com isso, a identidade nacional da população independe da origem, o que se reflete em instituições com equipes multiétnicas, como escolas e serviços públicos, ou no apego às equipes esportivas que representam internacionalmente o país.

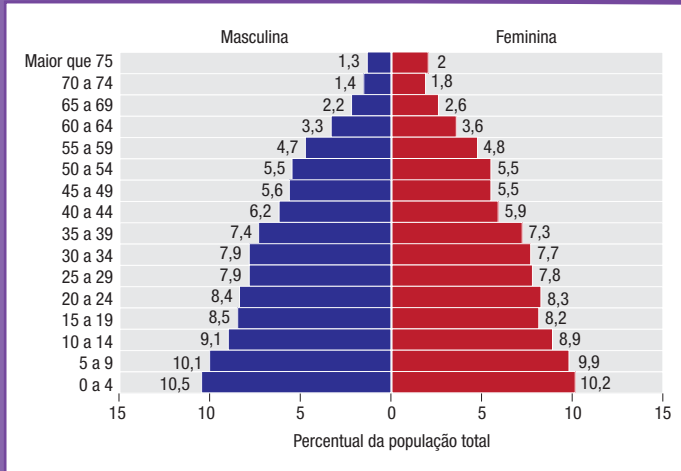
Nas últimas décadas, a sociedade de Fiji tem passado por processo de urbanização, caracterizado pelo crescimento muito mais intenso do espaço urbano em comparação ao rural. A integração com o mundo para além das águas oceânicas tem ocorrido tanto na forma digital, pelas infovias, quanto pela presença crescente de turistas de outras partes do mundo. Como também acontece em tantos outros territórios do Pacífico, Fiji se compõe de uma população majoritariamente jovem, embora os altos índices de crescimento populacional de décadas anteriores revelem queda.

## Fiji: político



Fonte: TE ARA – THE ENCYCLOPEDIA OF NEW ZEALAND. *The Fijian islands*. Disponível em: <<https://teara.govt.nz/en/map/768/the-fiji-islands>>. Acesso em: 7 fev. 2019. Adaptação.

## Fiji: pirâmide etária



Fonte: FIJI BUREAU OF STATISTICS. 2017 *Population and Housing Census*. p. 3.  
Disponível em: <<https://www.statsfiji.gov.fj/index.php/component/advlisting/?view=download&format=raw&fileId=2372>>. Acesso em: 7 fev. 2019.

## Turismo

Até por volta das décadas de 1970 e 1980, muitas das ilhas do Pacífico tinham como principal atividade econômica a exploração de seus recursos naturais, principalmente os de origem mineral, como o fosfato e o níquel. Preocupações ambientais globais debatidas em conferências e nos meios de comunicação por certo contribuíram para uma mudança nas fontes de divisas dos pequenos países insulares do Pacífico. Nas últimas décadas, o turismo se tornou o principal meio de entrada de finanças para muitos países da Oceania e também para a composição do mercado de trabalho nesses territórios.

No que se refere ao turismo, um dos destinos mais visitados da Melanésia é o das Ilhas Fiji, cujas praias são muitas vezes formadas no entorno das mais de 300 ilhas vulcânicas do país, a maior parte delas inabitada e cercada por corais. A colonização britânica trouxe ao país levas expressivas de imigrantes não apenas do Reino Unido mas também da Índia, cujos descendentes habitam principalmente a região da capital, Suva, onde se concentra cerca de metade da população do país.

Há diversos destinos turísticos muito valorizados nas ilhas da Oceania. Dois dos melhores exemplos situam-se na Polinésia Francesa: as ilhas do Taiti e de Bora Bora. Ambas se especializaram em receber turistas de elevado poder aquisitivo e, para isso, contam com uma sofisticada estrutura de hotéis e restaurantes. Assim, as paisagens exóticas, ao lado dessa estrutura, fazem com que as ilhas sejam as mais procuradas por turistas de todo o planeta.

©Shutterstock/Sarayuth3390



• Hospedagens para turistas em Papeete, Taiti, Polinésia Francesa, 2017

©Shutterstock/EORey



• Bora Bora, na Polinésia Francesa, é um dos principais destinos turísticos da Polinésia, 2018

## Atividades

1. Do ponto de vista ambiental e da qualidade de vida da população, o que significa a mudança nas principais atividades econômicas exercidas nas ilhas da Oceania?

---

---

---

---

2. Cite duas das principais preocupações ambientais globais que afetam diretamente as sociedades insulares da Oceania.

---

---

---

---



## Testes nucleares e seus impactos sobre os povos da Oceania

Um dos desafios enfrentados por algumas comunidades nativas da Oceania insular é lidar com os efeitos, ainda presentes, dos testes nucleares realizados na região após a Segunda Guerra Mundial. Potências nucleares ocidentais, principalmente Estados Unidos e França, realizaram testes de cada vez mais poderosas armas nucleares em ilhas da Oceania. Entre 1946 e 1958, os Estados Unidos lançaram 23 bombas de hidrogênio, com um poder de destruição muitas vezes superior ao das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945.

Por três décadas, entre 1966 e 1996, a França, por sua vez, desenvolveu 193 testes nucleares nos atóis de Mururoa e Fangataufa, na Polinésia Francesa. Tais locais escondem 3 200 toneladas de material radioativo, resultantes das explosões nucleares. Ainda que medidas como o deslocamento de populações inteiras para a realização dos testes tenham sido tomadas, há suspeitas de contaminação por radiação em pescadores japoneses que navegavam pelas imediações do Atol de Bikini. Além disso, há aumento de casos de câncer em habitantes do Taiti e de outras ilhas da Polinésia Francesa.

Os impactos ambientais também foram enormes. Embora se registre o início da recomposição de ecossistemas coralíneos nas Ilhas Marshall, cerca de sete décadas após os primeiros testes, níveis de plutônio cem vezes maiores do que em outros locais do Pacífico foram detectados por cientistas em medições de radioatividade em lagunas desse arquipélago.

Um dos locais mais atingidos foi o Atol de Mururoa, na Polinésia Francesa. Os protestos da população nativa contra os experimentos realizados pelo governo da França servem de combustível para alimentar movimentos atuais que reivindicam a independência política. A própria Polinésia Francesa, assim como em outros casos, como na Nova Caledônia (também pertencente à França) ou Samoa Americana (EUA), são exemplos de locais onde tais movimentos são ativos.



©Shutterstock/Everett Historical

• Teste nuclear nas Ilhas Bikini, Ilhas Marshall, em 1946



## Contrastes socioeconômicos e migração

Os contrastes socioeconômicos que separam, de um lado, as realidades da Austrália e Nova Zelândia e, de outro, as do restante da Oceania produzem fluxos migratórios intensos na região. Habitantes de países da região insular do continente se deslocam sobretudo para a Austrália em busca de oportunidades. Mesmo com as maiores comunidades de imigrantes que atualmente chegam à Austrália sendo de indonésios e filipinos, portanto asiáticos, é cada vez mais comum ver grupos de imigrantes oriundos de outros países e regiões da própria Oceania.

Embora muito menos numerosos do que os imigrantes originários das Filipinas, da Indonésia, do Vietnã, da China e da Índia, os que são originários das ilhas do Pacífico começam a se projetar na dinâmica migratória interna do continente. Entre estes, os que mais têm migrado para Austrália e Nova Zelândia procedem de Tonga, Nauru, Fiji, Tuvalu e Samoa.

Áreas de atração migratória por causa de melhores condições socioeconômicas, Austrália, Nova Zelândia e Havaí (EUA) são por isso territórios notoriamente multiculturais na Oceania. Tal fato se reflete nas várias comunidades estrangeiras que habitam as maiores cidades, como a australiana Sydney. A motivação econômica tem sido a principal causa dos fluxos migratórios que ocorrem a esses destinos. Por isso, as diferenças acusadas nos índices e no *ranking* referente ao desenvolvimento humano, de acordo com os levantamentos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, colaboram para a compreensão, mesmo que parcial, dessa questão. Os dados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 2018 indicam que, enquanto a Austrália é a 3ª colocada no *ranking* do IDH e a Nova Zelândia, a 16ª, as Filipinas estão em 113ª e a Índia, em 130ª. Esses dois últimos são justamente os responsáveis por sensíveis levadas de migrantes em direção às maiores nações da Oceania.



• Biblioteca Estadual de Melbourne, Austrália, 2016

A Austrália vem se tornando o segundo principal destino de estudantes provenientes do sul e do sudeste da Ásia, de outros países da Oceania e de diferentes regiões do mundo.

### Hora de estudo

1. Austrália e Nova Zelândia são os países mais desenvolvidos da Oceania. Cite alguns dos aspectos econômicos que justificam essa afirmação.

Na Austrália, a produção e a exportação de minérios, principalmente ferro, alumínio, carvão e ouro, entre outros, a agricultura de cereais, como o trigo, a pecuária bovina e ovina, bem como uma série de produtos industrializados estão entre as principais atividades econômicas. Na Nova Zelândia, a criação de ovelhas (ovinocultura), a agricultura e a fruticultura diversificada se destacam, além do turismo, que vem se confirmando como importante fonte de renda nos dois países.

2. Leia o texto abaixo e, em seguida, responda às questões.

A alimentação ali não era diferente das outras ilhas polinésias. No entanto, em Tonga, *gordura é formosura*. O rei Taufa'ahau Tupou IV pesa 150 quilos, e ele é bastante rei para servir de exemplo ao refrão.

O arquipélago de Tonga é a última monarquia que ainda resiste no Pacífico Sul, onde os reis são amados e respeitados pelo seu povo.

O ritmo de vida mansa, quente e morosa da vila só é quebrado aos domingos. Este dia é sagrado. A única atividade permitida é ir à missa e rezar. Tudo o mais é proibido, principalmente fazer barulho. Domingo fecha tudo: restaurantes, bares, os táxis não trafegam, e até os aeroportos deixam de funcionar. Só os hotéis internacionais têm permissão para fazer alguma atividade. Até ligar o motor do barco é proibido. Que silêncio no ancoradouro! Só se ouve o som dos hinos melodiosos vindos das igrejas.

SCHÜRMANN, Família. *Diário de uma aventura: dez anos no mar*. Rio de Janeiro: Record, 1995. p. 229.

a) De que país o texto trata?

De Tonga.

b) Qual é a localização desse país na Oceania?

Tonga se situa na Polinésia.

c) Qual é a forma de governo local?

Tonga é uma monarquia, um reino.

d) O que chama a atenção do autor em relação aos domingos nessa ilha?

Aos domingos, tudo é muito silencioso; o comércio não abre e os táxis não circulam.

3. A respeito dos povos nativos da Austrália, responda:

a) Como são denominados, de modo geral, esses povos?

Aborígenes.

b) Onde esses povos estão situados atualmente, em sua maioria?

No árido interior australiano, conhecido como Outback.

c) Proporcionalmente, qual a sua representação na composição étnica da população australiana?

Cerca de 3% da população total da Austrália.

4. De forma sintética, explique o que foi a “geração roubada” na Austrália.

Por iniciativa do governo australiano, entre 1910 e 1970, estima-se que cerca de 100 mil crianças e jovens aborígenes e mestiços tenham sido raptados de seus familiares e enviados a instituições públicas e religiosas, em cidades do país, com o intuito de educá-los de acordo com os moldes da cultura e da civilização cristã ocidental. Em sua maioria, esses jovens eram também treinados para serviços braçais e domésticos.

5. Quais são os espaços de repulsão e atração do principal fluxo migratório interno verificado atualmente na Oceania?

Os espaços de repulsão são as ilhas mais pobres da Melanésia, Micronésia e Polinésia. Os principais espaços de atração são a Austrália e a Nova Zelândia.

6. Uma manifestação da cultura dos maoris, população nativa da Nova Zelândia e de outras ilhas da Oceania, tornou-se conhecida no mundo todo, principalmente em eventos esportivos que envolvem uma equipe que representa esses países. Que manifestação cultural é essa? O que ela representa?

É o haka, uma dança tribal guerreira praticada por séculos pela população maori.



## Capítulo 10 – Página 12 – Cartografar

### Posição e índice dos países da Ásia de acordo com o IDH (2018)

Pelo fato de que apenas uma pequena extensão territorial do Egito está situada no continente asiático, seus dados não foram considerados, neste caso, para fins de estudo da regionalização asiática.

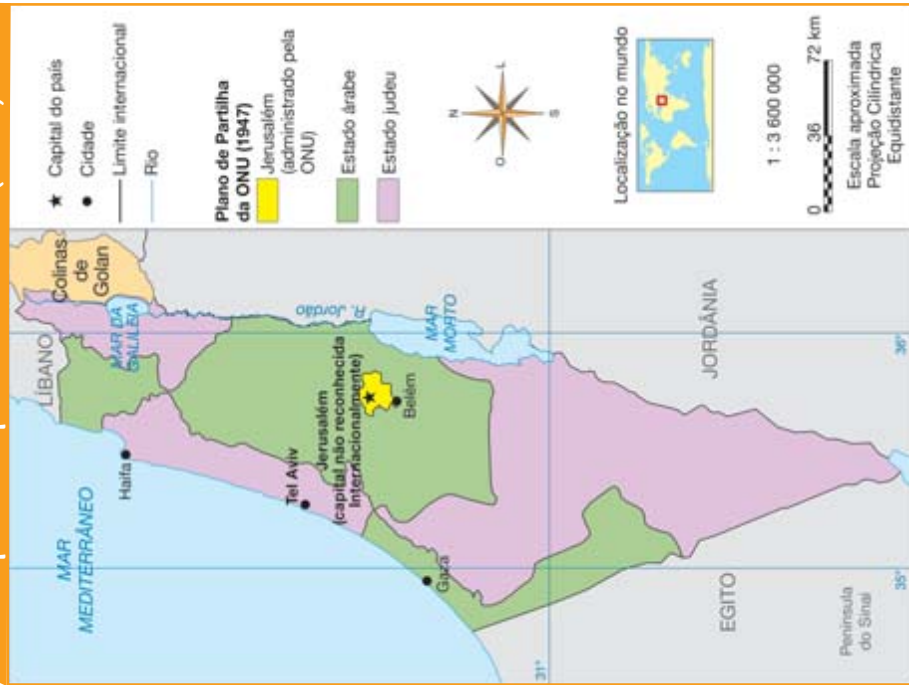
PAÍS	POSIÇÃO NO RANKING IDH	ÍNDICE
Hong Kong (China)	7	0,933
Cingapura	9	0,932
Japão	19	0,909
Israel	22	0,903
Coreia do Sul	23	0,903
Chipre	32	0,869
Emirados Árabes Unidos	34	0,863
Catar	37	0,856
Brunei	39	0,853
Arábia Saudita	39	0,853
Bahrein	43	0,846
Omã	48	0,821
Rússia	49	0,816
Kuwait	56	0,803
Malásia	57	0,802
Cazaquistão	58	0,800
Irã	60	0,798
Turquia	64	0,791
Sri Lanka	76	0,770
Líbano	80	0,757
Tailândia	83	0,755
China	86	0,752

PAÍS/REGIÃO	POSIÇÃO NO RANKING IDH	ÍNDICE
Mongólia	92	0,741
Jordânia	95	0,735
Uzbequistão	105	0,710
Turcomenistão	108	0,706
Filipinas	113	0,699
Indonésia	116	0,694
Vietnã	116	0,694
Iraque	120	0,685
Quirguistão	122	0,672
Tadjiquistão	127	0,650
Índia	130	0,640
Timor Leste	132	0,625
Butão	134	0,612
Bangladesh	136	0,608
Laos	139	0,601
Camboja	146	0,582
Mianmar	148	0,578
Nepal	149	0,574
Paquistão	150	0,562
Síria	155	0,536
Afeganistão	168	0,498
Iêmen	178	0,452

UNITED NATIONS. *Human development indices and indicators: 2018 statistical update*. Nova Iorque: United Nations Development Programme, 2018. p. 22-24. Disponível em: <[http://hdr.undp.org/sites/default/files/2018\\_human\\_development\\_statistical\\_update.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/2018_human_development_statistical_update.pdf)>. Acesso em: 11 fev. 2019.

## ► Capítulo 10 – Página 16

### Israel: plano de partilha da ONU (1947)



Luciano Daniel Tullio

Fonte: UNITED NATIONS – GENERAL ASSEMBLY; *Plan of Partition with Economic Union*. Disponível em: <<https://unispal.un.org/DPA/DPR/unispal.nsf/0/1643338501CA09E785256CC5005470C3>>. Acesso em: 6 fev. 2019. Adaptação.

### Israel: territórios conquistados na Guerra dos Seis Dias

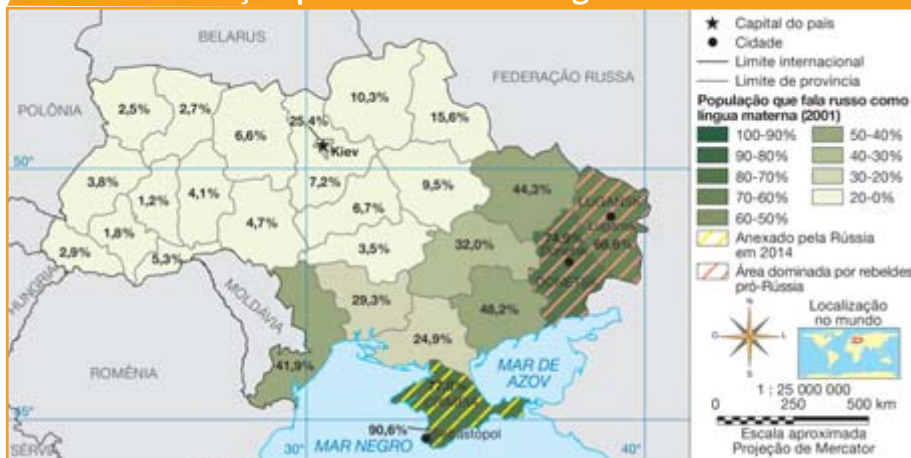


Luciano Daniel Tullio

Fonte: SMITH, Dan. *O atlas do Oriente Médio: o mapeamento completo de todos os conflitos*. São Paulo: Publifolha, 2008. Adaptação.

## Capítulo 11 – Página 28 – Olhar geográfico

### Ucrânia: situação política e étnico-linguística



Taila Kathy Bora

Fonte: YOUNG, Thomas. *10 maps that explain Ukraine's struggle for independence*. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/brookings-now/2015/05/21/10-maps-that-explain-ukraines-struggle-for-independence/>>. Acesso em: 4 jun. 2019. Adaptação.

### Ucrânia: protestos entre novembro de 2013 e março de 2014



Taila Kathy Bora

Fonte: YOUNG, Thomas. *10 maps that explain Ukraine's struggle for independence*. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/brookings-now/2015/05/21/10-maps-that-explain-ukraines-struggle-for-independence/>>. Acesso em: 4 jun. 2019. Adaptação.

### Ucrânia: gasodutos entre Rússia e Europa



Taila Kathy Bora

Fonte: YOUNG, Thomas. *10 maps that explain Ukraine's struggle for independence*. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/brookings-now/2015/05/21/10-maps-that-explain-ukraines-struggle-for-independence/>>. Acesso em: 4 jun. 2019. Adaptação.



## ► Capítulo 11 – Página 38 – Olhar geográfico

### Barreiras à entrada de imigrantes e refugiados na Europa (2015-início de 2016)

Talita Kathy Bora



Fonte: RADIO FREE EUROPE. *Fencing off Europe*. Disponível em: <<https://www.rferl.org/a/fencing-off-europe/27562610.html>>. Acesso em: 27 abr. 2018. Adaptação.